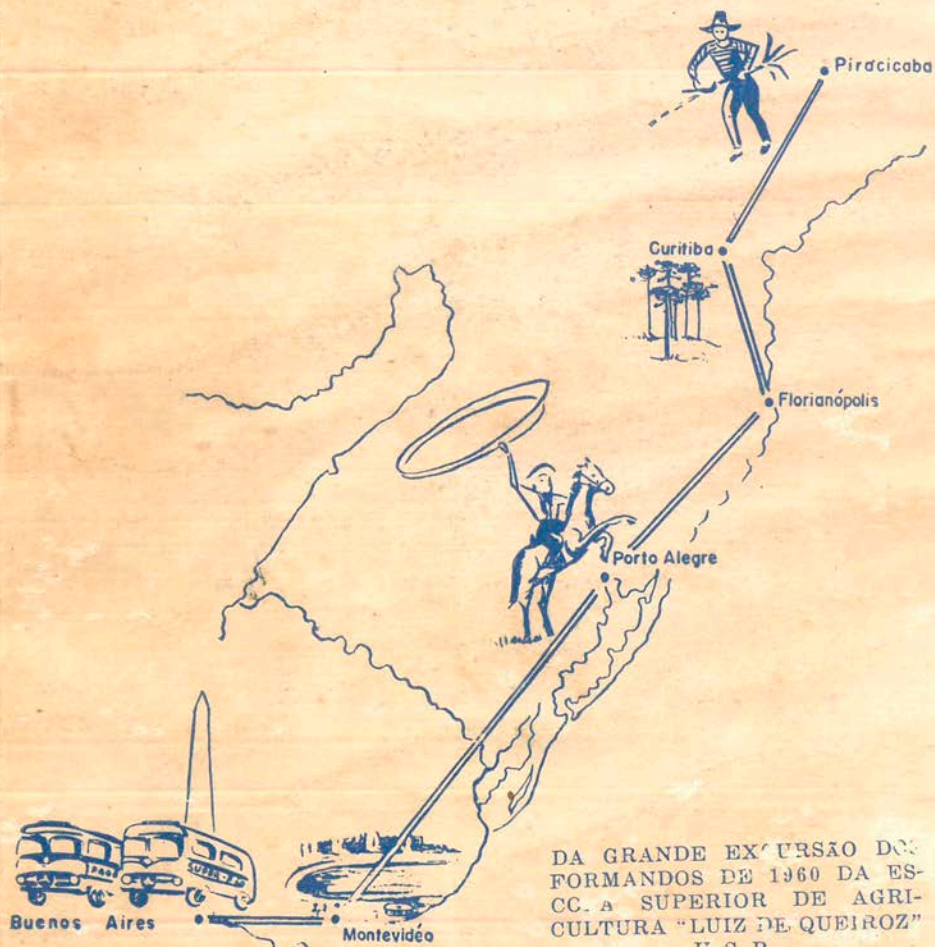


Diário de Bordo



Péricles Mallozzi

Diário de Bordo

DA GRANDE EXCURSAO DOS
FORMANDOS DE 1960 DA ES-
COLA SUPERIOR DE AGRI-
CULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"
U.S.P.



1960



Grupo dos excursionistas na escadaria da Catedral de Piracicaba no dia da partida.

Participantes da Grande Excursão

Dr. Walter Ramos Jardim
D. Zelinda Ramos Jardim
Dr. Walter Accorsi
Watterly Accorsi
Dr. Augusto Ribeiro da Silva
José Breda Filho
Ivonilde Breda Filho
José Mauricio Murgel
Aparecida Murgel
Antonio Celso Zangelmi
Antonio de Camargo Jr.
Ariovaldo Greve
Avari de Campos
Carlos Paulino da Costa
Carlos Alves Pereira
Carlos Magno Lanzi
Clovis Caetano Falzoni
David Krasilchik
David Ottoni Filho
Edson Rochelle
Eduardo Zink
Fernando Torres
Flavio Verlengia
Fumio Yokoya
Gabriel T. de Paula Neto
Guêdo Chierichetti
Hélio Frias
Hideu Tasaka
Jairo Ribeiro da Silva
Jayerte do Carmo
João do Amaral
João Gurgel Netto
José Carlos Ometo
José Osmar Paulino da Costa
Juan Nakamoto Uehara
Luiz Antonio Rochelle
Luiz Candido Ribeiro
Luiz Geraldo Mialhe

Lygia Salatti Almeida
Omar Cardenas Faria
Marilena Muller Costal
Moacir Roque Duarte
Paulo Celso Meirelles
Paulo Sacchetin
Pericles Mallozzi
Raul Dantas D'Arce
Roberto Cesnik
Roberto Corte Brilho
Roberto Simionato
Sergio Vergueiro
Shozi Kohara
Tarcizo Carnauba
Toshio Hirooka
Tosiaki Kimoto
Valdemiro Sgarbieri
Victor Vasquez Villalaz
Vital Homem Filho
Vladimir Sampaio
Waldimir Coronado Antunes
Yukio Takeuchi
Waldemar Brasil Vieira



Propaganda do café — Montevidéu



Propaganda do café — Montevidéu



**O Pajé e o Super F-60 em Aceguá — Fronteira
Brasil-Uruguai**

PREFÁCIO

Do desejo de gravar nossa viagem em algo mais duradouro que a falha memória humana é que me veio a idéia de escrever um diário.

Como nada pudesse passar despercebido naquela nossa estreita convivência, logo todos vocês estavam ao par das notas que rabiscava nos breves intervalos da excursão.

Estas notas esparsas, embora mal redigidas, começaram a delinear o perfil de alguma coisa. Muitos de vocês perceberam essa alguma coisa e me estimularam a continuar, agora com o fito de proporcionar-lhes uma lembrança geral dos acontecimentos.

Assim, passei a "escriba" oficial da excursão, um Pero Vaz Caminha como vocês me apelidaram por brincadeira, brincadeira gostosa, mas, com alguma coisa de sério.

Com muitos contratempos determinados pelo meu trabalho aqui no Biológico, o fim do ano agitado pelos exames, a formatura no início deste 1961 e principalmente minha inexperiência na "escrevinhação", chego agora, quase um ano depois, ao término da construção esforçada das frases que formam o diário.

Entretanto, dar-me-ei por muito bem pago se após a leitura deste mal escrito, cada um de vocês abandonar-se ao devaneio, recordando o que não está expresso nestas linhas, mas guardado em algum recôndito da memória: os momentos agradáveis na camaradagem pura com os colegas, a beleza do passeio, e os instantes em que simplesmente estávamos felizes. Impossível seria adivinhá-los para cada um; mais fácil é deixar escritas as situações que os provocaram.

Essa é a alguma coisa a que me referia, o poder de evocar as lembranças agradáveis que jazem em vocês mesmos e espero que êste diário, para felicidade minha, atinja tão alto objetivo.

São Paulo, 1 de Junho de 1961

O escriba
PÉRICLES

SEXTA FEIRA, 1.º DE JULHO

O inverno rigoroso abre um parêntesis. Nêste dia da partida o tempo está bonito; o sol claro; o ar frio da manhã é de temperatura agradável.

Os ponteiros do relógio da Catedral de Piracicaba marcam quase oito horas. Os colegas chegam carregando bagagem pesada, bagagem do mês todo que passaremos fora.

Há vários grupos espalhados na calçada defronte à Catedral. Ouve-se o zum zum das conversas, comentando, sem dúvida, nossa excursão à Argentina. Objetos os mais variados juncam o chão, no passeio e na rua, à espera dos dois ônibus, que serão nosso lar por trinta e um dias.

Oito horas. Os dois coletivos estacionam em frente à entrada da Catedral. Um dêles pertence à Escola LUIZ DE QUEIROZ e foi adquirido graças à ação conjunta do diretor Dr. BENEDITO CAMARGO, Dr. HUGO LEME e quartanistas de 1960. Por êsse motivo o ônibus, moderno, leva na porta a sigla "super F-60", além da faixa lateral ostentando o nome da Escola e da Universidade de São Paulo.

O outro ônibus é igualmente moderno, confortável, porém foi fretado à empresa que faz o transporte de passageiros de Piracicaba a São Paulo. Leva o nome de batismo pintado em letras azuis perto da porta: Pajé. É nêste que consigo colocar minha bagagem e reservar lugar. Um quarto de hora depois das oito a missa programada incia-se com cobertura da Rádio local. Ao terminar, pelas nove horas, nós excursionistas, posamos pelos degraus da escadaria da Catedral para uma fotografia.

O Dr. RAMOS JARDIM, catedrático da escola que nos acompanhará na viagem chefiando a excursão, é convidado a

falar ao microfone da Rádio. Fazendo *uso* da palavra refere-se ao êxito conseguido pela turma do 4.º ano de 1960; expressa os agradecimentos dos participantes pela ajuda recebida de homens públicos. Sucedendo-o ao microfone, SÉRGIO VERGUEIRO tece novos agradecimentos e informa o itinerário da excursão para os ouvintes de Piracicaba e do País em geral.

Chega o momento da partida. Após os votos, dos que ficarão, de êxito e felicidades na viagem, ocupamos os lugares dos dois ônibus. Quando êstes arrancam lenços acenam, outros enxugam lágrimas furtivas. Foguetes estouram festivamente.

Quando atingimos a estrada para Tietê, na saída da cidade, nos acomodamos para a longa etapa até Curitiba. Em Tietê paramos para um cafézinho. Em Tatuí, segunda cidade do roteiro, acontece o primeiro imprevisto. O ônibus da Escola vasa óleo. O almoço previsto para Capão Bonito realiza-se aqui enquanto repara-se a causa do vasamento. Após o almoço, esperamos, sentados nos bancos da praça central, a chegada do “Super-F-60” consertado. Aproveitamos para fazer uma faixa de pano com frases pintadas em vermelho e prêto, alusivas à excursão, e que vai enfeitar o flanco do Pajé.

Retomamos viagem pelas três horas para Itapetininga. Na estrada sucede um acidente. O Pajé ultrapassa um caminhão ficando com o parabrisa do lado direito trincado num ponto do canto superior. A trinca se espalha e o parabrisa rui por inteiro, esfarelando-se. Parece ter sido um pedregulho lançado pela roda do caminhão. Outros dizem ser a diferença de temperatura quando o ônibus sai do sol quente, passando pelas sombras muito frescas, que as árvores lançam na estrada. O vento frio, carregado de poeira, entra pela abertura do parabrisa e circula por todo recinto, incomodando-nos. O Dr. ACCORSI, outro catedrático que acompanha a excursão, sentado no primeiro banco à direita, amarra um cobertor estendido para abrandar o vento. O ar enfuna o cobertor, mas êste aguenta a pressão salvando-nos da poeira.

Assim chegamos a Itapetininga. No primeiro pôsto de gasolina informam-nos ser difficilimo conseguir outro parabrisa.

Decidimos telefonar para Piracicaba. Isto é obtido com ajuda de um agrônomo aqui residente, caído do céu nesta emergência. Fernando, o motorista do Pagé, explica o caso ao telefone. A empresa avisa-o para esperar aqui mesmo um novo parabrisa, que eles mandarão ainda hoje. Assim, como teremos que passar a noite em Itapetininga, reservamos acomodações num hotel da cidade.

Após o jantar o pessoal dispersa-se em grupos pela cidade. Os dois clubes locais recebem nossa visita mas não conseguimos uma “brincadeira” dançante em nossa honra. Pouco depois, porém, as garotas da cidade, alertadas de nossa presença, arrumam uma “brincadeira” no grêmio estudantil que dura das oito da noite até às vinte e duas horas.

Quando chegamos ao hotel a turma de consêrtos da empresa trabalha na substituição do vidro do parabrisa. Sabemos que veio diretamente de São Paulo, pois em Piracicaba não havia um sequer, para remédio. O autor destas linhas é o primeiro excursionista a solicitar os bons serviços do médico da caravana, o Dr. AUGUSTO RIBEIRO DA SILVA, por motivo banal. A noite então tudo domina.

SÁBADO, 2 DE JULHO

Cinco horas. Estamos acordados e vamos ao café servido no salão do hotel. Às seis horas as pesadas bagagens estão novamente empilhadas no fundo do ônibus. Estamos em nossos lugares no Pajé e trocamos impressões sobre o frio da noite passada.

Alguém aparece do hotel perguntando com quem ficou uma toalha de banho, e diz o número do quarto ao qual ela pertence. Vital e Zink levantam-se prontamente, protestando inocência, mas nós os aconselhamos, por troça, a confessar o delito. A toalha é encontrada no hotel, acabando o malentendido.

O Dr. JARDIM chega pelas seis e meia e ordena a partida para Curitiba, onde encontraremos o “Super-F-60”, que

continuara viagem sem saber do nosso acidente. Exclamações partem da metade do ônibus quando vamos saindo: Falta alguém. Não, faltam dois. O Vitor e o Mialhe. O Raul desce para chamá-los. Volta dizendo que eles dormem ainda, perderam a hora. Novas exclamações, desta vez irritadas. Afinal aparecem os dois, com ar de sono, tontos. Nós os recebemos com uma grande vaia. O ônibus parte, enfim.

Bem na saída da cidade o Vitor parece acordar e pergunta ao Mialhe sobre seu capote negro, famoso. O Mialhe nada sabe. Vitor então lança-se à frente, a campainha soa e o ônibus pára. O Vitor pede para o Dr. JARDIM esperá-lo buscar seu querido capote, que esqueceu no hotel. É o cúmulo. O Fernando abre a porta, êle desce e sai correndo pela praça, pára, continúa às tontas e logo vê-se que o Vitor esqueceu o caminho de volta.

O Fernando buzina chamando-o de volta. Retornamos até perto do hotel. Vitor desce do ônibus disparado e toma pela ruazinha do hotel. Ao passar pelo açougue da esquina aparece um cachorro de pêlo cinzento que sai correndo atraz dêle. O nosso herói, com o cachorro nos calcanhares, corre desabaladamente.

De volta com o bendito capote negro, o Vitor retoma seu lugar, tendo que ouvir a “gozação” dos colegas, entre irritados e divertidos com suas trapalhadas.

Uma vez na estrada, a paisagem se desenrola à luz do sol nascente, neblina a perder de vista. Na altura de Capão Bonito, já com o sol alto refletindo-se nas cêrcas caiadas à beira da estrada, Coti enpalidece e se enrijece na cadeira. O Dr. AUGUSTO ordena uma parada e aplica uma injeção. As côres voltam novamente ao rosto do Coti. Estamos aliviados por saber que não é nada de grave e a viagem continua.

Às dez horas da manhã, sem outras novidades, o panorama vai acentuando-se de traços sulinos, a língua de asfalto dirigindo-se para Apiaí. Uma alteração da ordem pública, no Pajé, é provocada pelo Cesnik. Êle cede seu lugar privilegiado, à sombra, ao Coti, que se recupera do mal-estar, e vai para

a ré do ônibus, para dormir. O pessoal inventa de cotucar a perna do Cesnik, por brincadeira. Êle acorda de mau humor, ofendido nos seus brios pessoais de futuro cientista. Entretanto, sai-se da situação de maneira estranha à conduta de "homo sapiens"; reage dando coices aos que estão dentro de ação de suas patas, coices êstes dignos de um burro que se preze. Por cúmulo, fica enfezado, fecha a cara e cruza os braços, naquela atitude bem do Cesnik. Nós, então, entoamos uma letra improvisada dizendo dos coices do burro chamado Cesnik, como represália. O mau humor, porém, domina o nosso amigo e fá-lo levantar-se para não ouvir mais. Fica de pé ao lado do Fernando, olhando em silêncio a estrada.

Cansado dessa posição êle vem usurpar o lugar do Carnauba, ao lado da Lygia. Isto reanima as vaias e deixa o Carnauba muito enciumado, pois a Lygia quer salvar o Cesnik do opróbrio comum, quando nos diz estar em boa companhia ao seu lado. Esta afirmação deixa-nos perplexos e até esquecemos as vaias por alguns segundos.

Agora o Cesnik está isolado em outro banco, seu humor já melhorou e diz que foi enjôo, o motivo do seu passeio impopular.

Vavá, um sujeito que sempre foi muito sério, recebe censuras por ter escondido a aliança durante a brincadeira dançante de ontem, em Itapetininga. Lygia levanta sua vozinha para protestar contra essa infidelidade, e outras que por ventura possam tentar o Carnauba.

O asfalto nos abandona em Apiaí. A estrada desce pela Serra do Mar, a poeira contamina tudo. Ao fim da longa descida avistamos o rio Ribeira e chegamos ao vale do mesmo nome.

Meia dúzia de casas feitas de tábuas margeiam a estrada. Um pouco adiante está a ponte divisa São Paulo-Paraná. Descemos do ônibus, pernas dormentes da posição incômoda e nos dirigimos ao restaurante, uma casa de madeira de aspecto sujo. Duas môças do lugar estão à porta e nos olham com curiosidade. Elas são bonitas, beleza típica de cabôclas. Cabelos

negros escorridos, pele côr do pó que está em tôdas as coisas aqui; pés descalços e roupas de côres berrantes, não muito limpas.

Pedimos informações e a resposta vem num linguajar simples sem o sotaque pouco estético de Piracicaba. O lugar é mesmo um restaurante e serve comida nas mesinhas sem toalha, sôbre chão de terra batida. Estamos indecisos se é conveniente almoçar aqui.

O Dr. Accorsi faz parar uma menina que passa de bicicleta na estrada, para perguntar-lhe qual o melhor restaurante da região. Ela responde, sem hesitar, que o melhor fica do lado de lá da ponte — divisa São Paulo-Paraná. Na sua opinião é o melhor do Paraná inteiro. Perguntamos se ela é do Paraná. Ela diz que sim e se vai, pedalando sua bicicleta em direção à ponte, os cabelos ruços agitados pelo vento.

Resolvemos passar a ponte. Esperamos chegar a um hotel moderno, com comida boa, um ambiente imaculado onde o pó não tenha permissão de entrar. Assim animados, aguentamos a fome, entramos novamente no ônibus para cruzar a divisa, na ponte que atravessa o rio Ribeira. Saudamos com palmas a passagem pois entramos no primeiro Estado dos três que muitos de nós não conhecemos.

As informações, porém, eram demasiadas otimistas. O lugar indicado pela menina é uma construção de alvenaria com acabamentos de madeira, sem água corrente e instalações sanitárias primitivas. Ainda assim o local está repleto de motoristas de caminhão e a turma consegue lugar a custo. Depois a comida apesar de não muito boa, passaria despercebida se não fôsse encontrada uma iguaria que não estava no cardápio: coxinha de barata. Após saciar a fome perambulamos pela estrada, ajudando a digestão, à espera da partida. Nesta parte do vale a estrada tem uma espessa camada de argila solta. Quando passa um veículo, toneladas de pó escurecem tudo tornando crepúsculo a tarde ensolarada. Depois cai lentamente sôbre tôdas as coisas como um cobertor, mudando a côr natural para uma côr parda indefinida. O vale neste ponto é

cercado por altos montes tanto à direita como à esquerda do rio que lhe passa ao centro. A forma do vale é quase a de um corredor. Os morros estão cobertos com culturas de mamão.

O sol é intenso, faz mesmo calor. São treze horas e meia. Partimos num ônibus escaldante.

A viagem transcorre agora só em estrada de terra, que abraça a serra acima. Morros verdes contrastam contra o azul do céu nas subidas. Grotas forradas de vegetão parecem o final das longas decidas. O Pajé realiza sem esforço êste obstáculo, evitando a buraqueira e aproveitando os lugares limpos para correr mais. As curvas apertadas e cheias de surpresas são feitas com cautela. Muitos caminhões cruzam por nós, quase roçando a carroceria do ônibus, deixando como lembrança uma nuvem descomunal de pó, que as gargantas estreitas e frequentes concentram e nada mais se vê. Os vidros do ônibus funcionam ininterruptamente, vedando o pó de fóra, ou deixando entrar o ar puro da serra. Ainda assim, aqui dentro paira a poeira parda, turvando a atmosfera do recinto. Quando o pó assenta sôbre tudo, o ar torna-se novamente puro. Reina um meio silêncio, estamos todos incomodados com o calor e com a poeira mais fina que penetra com a respiração.

As quatro da tarde paramos em Tunas, 70 km de Curitiba, para um lanche. Existem aqui dois ou três barracões de madeira com nomes pomposos de hotel, bar, restaurante, estando muito longe disto. Os sanitários são de madeira, construídos acima do nível do solo. A única fruta que encontramos é mixirica importada não se sabe de onde, feia e passada, muito miúda. Apesar disto acabamos com o estoque do armazém. Ligeiramente aliviados da sensação incômoda do pó na garganta, continuamos viagem. De novo enfrentamos pó, morros e caminhões, na serra inhospita.

Por cinco e meia da tarde suspiramos de alívio com o fim da região serrana. Entramos no asfalto. A paisagem espraia-se plana até pouco antes da linha horizonte, onde se elevam morros apequenados pela distância. O sol descambando cerca de um halo de luz prata os pinheiros, aqui e alí isolados

nos cimos dos montes. O céu azul puro não é como em outros lugares. Parece mais infinito.

A poesia do momento é quebrada pelos sacolejões do Pajé, nos buracos da estrada novamente de terra, chegando a bater as molas. Isto reanima a conversa. O tema político apaixonado a oposição e críticas desabam contundentes sobre os nomes do Presidente e do Lupion.

Estamos a vinte quilômetros de Curitiba e agora o Pajé roda macio sobre o asfalto. Reanimados por isso bradamos um “hip” ao Fernando, louvando a sua perícia ao volante. Súbito temos guerra no Pajé: Lygia atira um travesseiro no Carnauba e este quase revida a agressão.

As atenções gerais convergem, todo mundo quer saber a respeito do fato. O Carnauba emburra e não fala mais quando interpretamos a briga como sinal de ciumes. A conversa agora anima-se e discute-se o tempo que levaremos até Curitiba. Mineirinho aposta, sem selar com dinheiro, que temos meia hora ainda.

Lá fora o sol se põe manchando de rubro o horizonte. O astro rei some por trás dos montes distantes deixando línguas vermelhas que se alongam sobre a fimbria do horizonte. Tem-se uma sensação de distância. Os pinheiros isolados nas elevações longínquas contracenam com o vermelhão do poente. A impressão de distância é mais acentuada por eles, dando ainda um traço de tristeza à paisagem.

Quase noite fechada, uma névoa de luz dando um toque ígneo a tudo, atingimos Curitiba. Rodamos por suas ruas largas. Pelo tempo que levamos para atingir a casa do estudante Universitário, notamos que a cidade é bem espalhada. São seis horas. Chegamos à C.E.U. As escadas de acesso e o jardimzinho antecedem um edifício mais largo que alto, de alguns andares. O ônibus é cercado por rostos familiares dos colegas do “Super F-60” que tinham se distanciado de nós por ocasião do acidente de Itapetininga. Descemos e formamos roda enquanto conversamos trocando informações sobre o acidente; as visitas que eles fizeram na cidade à faculdade

de Agronomia, ao Country Club e ao Jockey Club. Em seguida vamos ao restaurante Universitário da C.E.U. para um jantar razoável pelo qual pagamos a bagatela de Cr\$ 40,00. Com colaboração dos colegas de Curitiba arranjamos acomodações para a turma tôda nos hotéis Cacique e Brasília.

Após o jantar despedimo-nos do pessoal do C.E.U., pois partiremos amanhã cedo. O Pajé nos leva a destino. No Hotel a primeira preocupação é o banho pelo qual ansiámos a tarde tôda. Estabelece-se uma confusão de gente nos corredores esperando a vez, falando alto, circulando entre os andares. Pouco depois os corredores estão desertos: cada qual para seu lado. O pessoal saboreia um sábado noturno em Curitiba.

O centro conta com vários cinemas; os restaurantes e os bares participam com bôa parte dos anúncios luminosos, dando sensação de cidade grande com essa iluminação profusa. O número de transeuntes não decresce com a hora adiantada. Existe vida noturna.

DOMINGO, 3 DE JULHO

Seis horas. Batidas nas portas dos quartos no hotel sucedem-se acordando todos para o café. Na sala de refeições circulam exemplares no “Diário do Paraná” que, apesar de domingo, é muito magro. Contudo, tráz notícias de nossa excursão, fazendo o Avari esfregar as mãos, contente.

Curitiba em plena luz do dia mostra-nos uma cidade de progresso recente e impressionante. Cresceu muito na vertical com seus prédios de 15 e mais andares. Possui várias praças no centro, bem cuidadas. O asfalto recobre as avenidas e ruas centrais, na sua maioria.

Entretanto é hora de partir rumo a Joinville, em Santa Catarina. Nossas bagageans estão esparramadas pela calçada do hotel, esperando o Pajé aparecer. Após a chegada do ônibus, orvalhado de uma noite ao relento, o pessoal e as malas

estão contidos em equilíbrio precário aqui dentro. Às oito horas partimos.

O dia está festivo, um sol radiante num céu sem mácula. Nos arredores da cidade já na estrada de concreto, um murmúrio começa a tomar corpo. David Krasilchik levanta-se e fala com o Dr. Jardim e com o motorista Fernando. O ônibus pára. A curiosidade é geral, que mais poderá ter acontecido? O "Super F-60" aparece na estrada e vem parar atrás de nosso ônibus. Pela porta do Pajé entra o Fernando Torres e sabemos então que os dois heróis tinham esquecido suas malas em Curitiba. Para não atrasar mais a excursão delibera-se que os dois voltarão a Curitiba sôzinhos e caso encontrem suas bagagens nos alcançarão adiante por qualquer meio de locomoção rápida. Recomeçamos viagem.

Logo o concreto acaba e retornamos ao pó. A paisagem esparrama-se longe no planalto. Os pinheiros nela aparecem com frequência. As casas isoladas são de madeira, com o telhado típico que notámos desde a chegada ao Paraná. Os beirais tem quéda mais suave e formam uma espécie de aba caída. A Serra do Mar reaparece ao longe e os pinheiros vão rareando. Montes vêm assinalar a paisagem.

Antes da divisa com Santa Catarina paramos à beira da estrada na altura de uma vendinha de madeira. O Pajé estaciona no sopé de uma elevação abruta, um morrão com enormes pedras semi-engastadas. Aproveitamos o motivo para várias fotografias. Nisto chega o "Super F-60". O pessoal desce, muitos estão pálidos. Contam-nos que o ônibus foi de encontro a um barranco numa curva devido a imperícia do motorista. Houve uma revolta no "Super" e elegeram o outro motorista de reserva, o Zico, para continuarem a viagem com segurança.

As bebidas servidas na vendinha são de Santa Catarina. Caranjinha é a marca de um refresco de laranja feito lá. Registre-se que o Vitor Vasquez é o maior comilão: devorou o conteúdo de uma lata inteira de marmelada com bolachas, embora êle mesmo acha que está "gordito".

Retomamos a viagem e por meia dia atravessamos a ponte de divisa. Palmas saudam o evento, pois estreamos em mais um Estado. Daqui por diante a água torna-se elemento mais frequente, no cenário. A cor do sólo é mais clara, indicando saibro e a vegetação é de um verde mais leve. Pequenas propriedades rurais sucedem-se à beira da estrada. Algumas têm lagôas onde patos ou marrecos adornam com efeito muito agradável. As cercas são de arame farpado e os moirões por vêzes são caiados, dando um aspecto de limpeza atraente à propriedade.

Perto já de Joinville a vegetação muda um pouco, palmeiras aparecem, estamos perto do mar. A entrada de Joinville é uma longa avenida, da qual percorremos um trecho até encontrar um restaurante campestre recomendado. Descemos do Pajé. O local está cheio de gente e deve ser dos famosos da cidade. Rostos típicos das famílias aqui presentes fazem-nos acreditar não estarmos no Brasil mas na Europa. Contudo ouvimos o português e a realidade é que estamos famintos.

Sentamo-nos às mesinhas de toalhas vermelhas, admirando a construção de pau à pique. Nem porisso, entretanto, os dois únicos garçons nos atendem. A demora é muita e cada um trata de buscar a sua bebida para apressar a coisa. O Bom Bril fura a fila de espera e, improvisando-se garção, carrega pratos com comida diretamente da cozinha. Logo outros o imitam. Vira uma confusão.

Duas horas da tarde. Duas horas de espera. Sérgio organiza uma turma e bradamos um "hip" ao dono do restaurante, o senhor Rocha Pombo, que acaba de chegar. A parte final soa muito engraçada quando sai o refrão: R. Pombo, R. Pombo... O Sérgio elogia o Sr. Pombo e entrega-lhe uma flâmula da excursão. O tipo loiro, muito maneiroso, fica evidentemente satisfeito e o nosso almôço sai, por fim.

À mesa do Sérgio, o Shoze abusou do São Julião, vinho tinto muito bom. Está vermelho como os camarões de seu prato. Só que os camarões não são Japoneses mas o Shoze é. Acabado o almôço, as cabeças dos colegas estão sob ação do vinho,

Nossa alegria é geral. O Carôço arruma um violão e inicia um programa variado de imitações de cantores de tango, samba, valsa e o Nat King Cole. Ele está impagável. Os barrigas verdes nas mesas têm ar de assistir um show da casa. O Dr. Jardim esquece a função de chefe da excursão e ri conosco, camarada.

Pelas duas e meia da tarde os dois ônibus nos levam ao centro, gastando uns dez minutos na rua longa que atravessa Joinville longitudinalmente. Descemos na altura da praça onde está o Correio.

O velho edifício situa-se no centro do jardim. De um lado da fachada há um cipreste alto. As aléias de areia, com seus bancos de cimento, levam à porta do edifício. Do outro lado da praça existe um cinema de aparência moderna, emoldurado de madeira recém-envernizada. A sessão deve começar logo pois a fila é de considerável extensão. As pessoas que a formam são loiras da maioria, de pele e olhos claros. O mesmo se observa com os passantes nas ruas ou no jardim. As moças que passeiam lentamente no jardim, aproveitando a tarde ensolarada, trajam-se com cores berrantes combinadas com mau gosto evidente.

Os nomes das casas comerciais são quase todos germânicos. As casas residenciais são construídas no estilo europeu colonial. Uma delas, bem típica do lugar, combina madeira côr de mogno e alvenaria. O telhado pontiagudo, um V invertido, dá o aspecto mais característico à construção. Uma estria de mogno passa pouco abaixo da base do telhado.

As portas e janelas são do mesmo material, comunicando solidez e austeridade à fisionomia da construção. Um cipreste típico levanta-se de um lado no jardim caprichoso, mais alto que o telhado. Um salgueiro, com seus ramos pendentes, quase oculta a passagem para a garagem, no outro lado. Os portões da rua são de madeira de côr escura, também.

As bicicletas constituem outro característico da cidade. O número de transeuntes a pé não é muito superior ao número de ciclistas. Nesta última categoria estão homens, mulheres e

crianças. Às vêzes, a mãe com uma criança no braço, passa controlando com o outro braço a bicicleta. Por outro lado a cidade prima pela limpeza, no centro como na zona residencial. O casario se espalha ao longo da avenida eixo, que é ao mesmo tempo saída para a estrada, comprimindo-se entre os morros, sendo longa e estreita a sua conformação.

Resta mencionar a placa no gramado da Praça do Correio, onde está escrito, no humor ingênuo dos Saxões:

Quantos quilos você pesa? Parabéns!

Está gordinho. Então não pise na grama.

Você não é passarinho.

Acontece que o David Otoni está perto do cartaz e pesa “sòmente” 90 quilos. Sua aparência, ainda, é de pesar mais. Imaginamos então tirar uma fotografia dêle sòbre a grama, ao lado do cartaz. O David banca o passarinho e a chapa é batida, com grande diversão dos passantes.

São quatro horas. A turma já rodeia o Pajé esperando o momento da partida. Um pouco separados de nós, o Raul fala a uma jovem loira de olhos castanhos e pele queimada do sol. Embarcamos no ônibus. O Raul vem para a cozinha conversar conosco. Um carro pequeno aparece e identificamos o motorista como a jovem loira. O Raul explica que ela nos escoltará até a saída da cidade, indicando o caminho ao Fernando. Em certo ponto o automóvel pára fora da rua, a jovem desce e nos acena adeus.

A estrada para Blumenau não é pavimentada e de novo a poeira volta, entremostrando uma planície com morros ao longe. À beira da estrada reaparecem as pequenas granjas com algumas cabeças de gado nédio, Holandês ou mestiço Europeu, pastando no capim verde claro. Os morros estão perto. Atingimos a serra. De novo o Pajé vence elevações, subindo sempre, levantando pó.

Começamos a descida da serra. Por uma fresta entre as montanhas, após uma curva, avistamos o mar. Esta visão reanima-nos e o Oceano Atlântico é saudado com palavras de

afeto. Recomeça o falatório depois de longa letargia. São cinco horas. Estamos no litoral Catarinense, o mar perde-se de vista, com uma ilha rochosa, lá no fundo do horizonte, iluminada pelos raios mortiços do sol. A estrada corre paralela à praia e alguém tem a idéia de descer para cumprimentar o velho mar. De ambos os lados da estrada há casas de madeiras, ora isoladas, ora juntas. O ônibus sai da estrada e estaciona ao lado da última delas, do lado da praia. Descemos. Os mais afoitos correm até chegar à orla do mar e mergulhar os dedos na água salgada, enfrentando a brisa marítima fria e estimulante.

O cenário é melancólico e deserto com sua costa rochosa desabitada. Adiante a praia emite uma ponta de rocha mar adentro, que se alarga depois, contendo um edifício antigo batido pelo sol do ocaso. Um forte talvez. O nome da praia é Penha, segundo informam os mapas. Cinco e meia. Hora de reencetar viagem pois os colegas do Super F-60, tendo evitado o litoral, rumam pela BR-59 para nos esperar em Blumenau.

Quando o Fernando dá partida ao ônibus para recuar até a estrada, a roda traseira gira em falso e enterra-se na areia, sob a grama superficial. Ele acelera, afundando mais a roda. Assuntamos o problema e nos reunimos para ajudar em nova arrancada. Resultado: a roda enterra-se mais.

Um caminhão vem da direção de Itajaí. Fazemos sinal que páre. O motorista, um sujeito magro e robusto, entra em confabulações e chegamos à conclusão que seria arriscado rebocar o Pajé pelo parachoque traseiro. Com enxadas emprestadas numa das casas de madeira, onde mora um coronel reformado, colocamos tábuas encostadas à roda, após cavar a areia por baixo. O Fernando liga o motor e engrena a marcha-a-ré. A roda traseira esquerda gira em falso sobre a tábua, exalando uma fumaça negra de borracha queimada. Resultado: a situação piora. Nossa paciência está no fim e do lado feminino planeja-se um jantar de emergência.

Para desfêcho aparece um nativo da região, não sabemos donde, barriga verde com jeito de bebedor contumaz. Chega,

examina a situação, tomando um ar enigmático enquanto deslinda o problema. O semblante se ilumina de soluções. Raspa a areia da roda, põe-se de pé com vivacidade e com uma arenga instiga todos a uma nova tentativa. Garante que só faltava sua opinião para o ônibus pular lépido na estrada. Irradia tanta confiança no que diz que o Fernando torna a ligar o motor e, sob seu comando, colocamo-nos novamente em posição para empurrar o "Pajé". Na frente do ônibus uns cactos espinhudos não tornam nada confortável a situação dos que ali se acham. Como resposta o ônibus enterra-se mais.

Quase seis horas, anoitece. A perspectiva é passar uma noite dormindo neste êrmo. O motorista do F.N.M. é requisitado para puxar o ônibus como última alternativa. O cabo de aço é atrelado no "Pajé". O caminhão engrena a marcha, o cabo se estica como corda de viola. Mais um esforço e o ônibus sai de lado do buraco arrastando a areia com a roda. Todos suspiram aliviados, enquanto o "Pajé" se apresta a enfrentar estradas de novo. O motorista providencial só aceita agradecimentos.

Embarcamos. O "Pajé" larga pela estrada arenosa que segue plana e reta até um morro, onde ela faz uma curva, desaparecendo. Vamos dar à balsa que atravessa o rio Itajaí, de 370 metros de largura. Descemos. Já é noite e na outra margem as luzes de uma cidade indicam Itajaí. No meio do rio uma ilha ergue formas cilíndricas imprecisas na escuridão. São grandes reservatórios de petróleo. Marilena manda chamar o Dr. Augusto, pois sente-se mal e não quer sair do ônibus. O médico diz-nos, depois, não ser nada, pois não pode curar chagas sentimentais, originárias de Joinville. Nesta altura o Raul vai, sollicitamente, confortar a colega.

Nós, fóra do ônibus, esperamos na balsa que este suba pela rampa de acesso. Mas a inclinação desta é grande e o ônibus é muito baixo. Em consequência o encarregado da balsa vai de lancha buscar pranchões e vigas do outro lado do rio. Por elas o "Pajé" sobe agora até a balsa, ficando por momentos em equilíbrio precário. O Fernando, na direção, sua frio,

sob a responsabilidade. Tudo, entretanto, acaba bem graças a perícia do pessoal do cais.

A balsa se afasta e por momentos navegamos num ne-grume líquido até atingirmos a segurança das luzes de Itajaí. Aquí de novo as vigas e pranchões fazem o Fernando transpirar. Quando acaba a delicada operação aclamamos êste herói do volante. Tudo pronto para continuar, notamos a ausência do Breda. Êle aparece após algum tempo e é saudado com aplausos e apupos, respectivamente. Em seguida partimos.

O asfalto faz o "Pajé" rodar macio. A alegria impera a bordo ante a perspectiva de jantar e repouso. Cantamos marchas de carnaval. Não sabemos quem, mas uma marcha desconhecida e bizarra provoca um silêncio escandalizado, enquanto a letra vai desfiando, referente a um tal boi "espanta môsca". Depois uma chuva de gargalhadas vem normalizar a situação. A letra é de uma comicidade tôsca. Aqui vai:

Chamaram o meu boi de espanta môsca
Espanta môsca?
Espanta môsca!
Aonde já se viu!
Espanta môsca é a vaca do seu tio!

Passando por Gaspar paramos para ver a Igreja famosa pela beleza e pelos 122 degráus de acesso. A escadaria parte da rua com vários patamares. Os dois muros de arrimo tem a intervalos um glôbo de luz elétrica sôbre pé apoio. As duas fileiras de luzes dão efeito interessante, vistas daqui do pé da escadaria. Na Igreja duas tôrres com mostradores do relógio dominam a escadaria. Seus ponteiros e números romanos negros contrastam com o fundo branco iluminado. Em cima, porém, está tudo fechado e deserto. Em vão batemos às portas e só podemos apreciar a arquitetura externa. Atrás há um cemitério misterioso e ermo, orlado de árvores. O luar dá um toque mágico ao branco mármore das tumbas, que faz qualquer um andar mais depressa. Voltamos apressados para nos reunirmos ao pessoal.

Descemos todos novamente e notamos a rua deserta. Singular esta cidade, não se vê ninguém em parte alguma mas são apenas oito e meia da noite. Embarcamos. O "Pajé" enfia para Blumenau. Recomeçamos a batucar e a cantar.

Nove horas da noite chegamos a Blumenau. O "Pajé" estaciona em frente de um hotel de fachada cinzenta. Os colegas do Super F-60 já estão aqui e rodeiam o nosso ônibus. A porta se abre para o David Krasilchik entrar. Esclarece-nos ter encontrado a bagagem desviada bem como o Fernando encontrara a dêle. Ambos depois vieram de avião até Itajaí para nos alcançar. É felicitado, e descemos. Após as acomodações arranjadas e um bom banho, partimos para um jantar merecido. A comida é ótima no restaurante Socher, que descobrimos seguindo as pegadas do mestre Jardim, "conaisseur" dos lugares onde se come bem.

SEGUNDA-FEIRA, 4 DE JULHO

O café da manhã no hotel é reforçado. A garçonete, pessoa de meia idade, é loira e fala áspero limando os rr. O dono do hotel aparece para perguntar-nos se estamos satisfeitos e também roi os rr. Os empregados todos germânicos.

Saímos para um passeio à cidade e os caractéres da influência alemã estão sempre presentes. A cidade tem indústrias, um comércio desenvolvido, como se nota pelas casas comerciais inúmeras. O tráfego é intenso tanto de automóveis como pessoas e bicicletas. Estas últimas existem em Blumenau em número de 25 mil unidades. As ruas centrais são asfaltadas e os sinais estão suspensos sôbre os cruzamentos das ruas, o que lembra cidades européias.

A Igreja de Blumenau é uma notabilidade. Localizada na parte alta, aonde se chega pela rua do comércio, ela domina a cidade. O edifício é imponente e muito alto, para um andar só, pois a cobertura é suportada por colunas de uns dez metros. O frontespício é de mármore e sua alvura chama a aten-

ção mesmo lá do centro da cidade. Por dentro belos vitrais em côres simbolizam passagens da bíblia. Um confessionário, bloco único de mármore, onde o assento do confessor é forrado de veludo, pesa dez toneladas, e veio de Minas Gerais. O plano de construção só inclui materiais nacionais e sempre o critério é utilizar só o que a natureza pode oferecer. As paredes constituem-se de grandes blócos de granito, apenas lapidados. Na entrada, a pia batismal possui uma abóboda suspensível que pesa quase uma tonelada. Um sistema de pesos porém, permite mover com um dedo a pesada cúpula de mármore. O altar de mármore nasce simplesmente do chão e possui incrustações de marfim, ouro, prata e pedras preciosas. O órgão está colocado ao lado direito do altar, a fim de ficar mais próximo ao oficiante.

Êstes detalhes nos são relatados por um padre franciscano forte e loiro, descendente de alemães, já se vê, e entusiasta da arquitetura original do templo. De lá saímos com a sensação de que há mais coisas entre o céu e a terra do Brasil que não conhecemos.

Descendo a rua Comercial, deparamos com muitos colegas na loja Hering, da fábrica de malhas do mesmo nome. Êles se precaveem contra o frio futuro na Argentina e no Uruguai comprando malhas de lã. A nota marcante é que o estoque de ceroulas da loja está no fim. As vendedoras, quase sem exceção, apresentam feições germânicas. Resta dizer ainda que Blumenau distingue-se pela limpeza como Joinville. O estilo arquitetônico das casas segue o colonial Europeu e o cipreste ainda é comum no adôrno dos jardins.

Após um churrasco digno de carnívoros, partimos para Florianópolis. De novo passamos por Gaspar com sua Igreja, mais bonita à luz do dia. Itajaí vem nos surpreender pelo progresso que não víamos na noite anterior. Daqui uma estrada saibrosa nos leva de novo a região serrana.

Ayistamos o mar uma vez após a subida desagradável, quando contornamos o caminho descendente. É uma promessa de refrescamento. Vencida a serra, a estrada segue o litoral.

A planície Atlântica tem muitas palmeiras. Ao longe ficam os distanciados contrafortes da serra.

Pelas quatro chegamos à Tijucas, já com um pouquinho de frio. Aqui tomamos um lanche reforçado, com um pão saboroso da casa, feito na hora. Se for mantido êste regime alimentar voltaremos com muitos quilos a mais, pois fazemos, no mínimo, quatro refeições diárias.

Ao cair da tarde estamos a 30 quilômetros de Florianópolis. O sol já abandonou o horizonte e o céu azul aquarela está levemente enrubescido de manchas rosadas. Tudo aqui é suavidade em contraste com o Paraná, onde o sangue rubro selara o crepúsculo do dia da chegada.

Já é noite. Chegamos à ponte Hercílio Luz, que liga o continente à ilha de Florianópolis. A bordo a batucada e cantoria cessam, e damos vivas a mais esta etapa vencida. À saída da ponte encontramos o pessoal do "Super F-60". Descemos e admiramos o efeito das luzes da cidade e a ponte iluminada que atravessamos. Retornamos aos dois ônibus e vamos para um hotel. Arranjadas acomodações para todos dá-se o já habitual atropêlo nos corredores para o banho.

O jantar vai até às dez da noite. O Avari e o Fernando Torres vão com uma turma ao jornal o "Estado", a fim de notificar nossa passagem pela cidade.

TÊRÇA-FEIRA, 5 DE JULHO

Florianópolis nem nos parece uma capital, nesta manhã ensolarada. Os edifícios são antigos e as fachadas encardidas. As ruas são estreitas e tem cheiro de maresia, de pôrto. Tão estreitas são que o "Pajé" tem dificuldades ao fazer as curvas nas esquinas. A rua principal não foge a regra. Não é muito larga, seu aspecto é sujo, o comércio aqui se concentra. No início dessa rua há uma praça de forma quadrada. Num extremo da Praça situa-se a Igreja, elevada. Descendo, o logradouro termina pouco além da rua principal, limitado por um

muro de proteção beirando o mar. Dêste ponto partem várias linhas de ônibus. O jardim é maltratado e os gramados pisados. Isto é a parte central de Florianópolis.

Por volta de oito e meia o pessoal da ACARESC vem nos buscar para uma visita as suas instalações e às do ETA. O galinheiro modelo é motivo de esplanção informal do agrônomo responsável pelo projeto. O assunto atrai a atenção da turma. As instalações do posto de inseminação artificial e do gado Guzerá leiteiro completam nossa visita. Chegamos no hotel cansados e famintos.

Após o almoço, vamos visitar o escritório central de Florianópolis. Aqui trabalham um agrônomo extensionista e uma economista doméstica. Numa palestra amigável o agrônomo nos coloca ao par de sua atividade no Município. A economista doméstica relata-nos seu papel junto ao lar do agricultor florianopolino. Despedimo-nos e saímos para visitar o secretário da Agricultura.

São quatro horas. Paire um calor brando na tarde cheia de sol e muitos estão sonolentos, jiboiando o almoço lauto. Alguns se esquivam à visita, deixando-se ficar no "Pajé".

Da secretaria o pessoal visita ainda o escritório do I.B.C. e a seguir retorna ao "Pajé" para um passeio à ilha. Os guias da ACARESC nos levam à lagôa da Conceição, um vasto ôlho d'água encaixado numa paisagem bucólica e deserta. Ao fundo, separado por estreita faixa de terra, o velho Oceano Atlântico. As câmaras fotográficas nos fixam neste cenário e o turismo é encerrado.

Voltamos para a cidade. O casario do bairro onde mora o Governador é distinto e tem jardins com o costumeiro cipreste. Próximo do centro, os jardins escasseiam e o estilo retorna ao simples, nada do colonial Europeu.

No hotel, após o jantar, ocorre incidente com as notas de contas, que relacionam coisas que não consumimos para depois serem cobradas à ACARESC. O Vavá insurge-se e solenemente adverte ao gerente, com o apoio falado, do pessoal. A coisa

vira um tumulto. O gerente, porém, reconsidera e retorna, a contra gôsto, ao caminho da honestidade.

Estamos reunidos agora no saguão do hotel, para debater o itinerário até a fronteira. Delibera-se evitar Lajes por causa da estrada péssima, de acôrdo com informações obtidas no hotel. Iremos pelo litoral até atingir Pôrto Alegre ou pousar em Tôrres, no litoral gaúcho. Comentamos dois acontecimentos da noite passada. Um dêles é a caçada noturna na qual se empenharam êstes quatro sabujos: Paulo Meirelles, Hideu Tasaka, Ariovaldo Greve (Limeira) e Moacyr Roque. Como troféus de caça temos quatro nativas de Florianópolis que passeavam despreocupadamente pela praça central. As quatro figuras impolutas do "cast" F-60 faziam também seu "footing" sem compromisso, quando aquelas beldades lançam-lhes olhares de curiosidade. Resolvem, os caçadores, assediá-las como supremo ato de bravura, a fim de manter conversações. Ao perceberem as secretas intenções dos nossos colegas elas apressam o passo. Êstes fazem o mesmo, insistentes, originando-se uma perseguição pela praça. O bôlo envereda, então, pela rua principal, à tôda. Em quatro quadras a carreira termina quando as vítimas são acossadas e não têm alternativa outra que bater um papo com os galantes persistentes.

O outro acontecimento é a voz infernal que reboou desde o primeiro andar até o último do edifício do hotel, que tem treze andares, acordando quase todo mundo. Suspeita-se, também, do Carôço como portador dos telegramas urgentes às três da madrugada, que tirou muito colega da cama quente, para atender à porta, dando-se então uma invasão de gente "alegre", disposta a fazer "chacrinha" custasse o que custasse.

QUARTA-FEIRA, 6 DE JULHO

Com um olhar ao cais e à ponte pênsil Hercílio Luz, despedimo-nos de Florianópolis banhada pela luz incerta de um dia nublado. A estrada transpõe a partir daqui um prolonga-

mento da serra para depois acompanhar o litoral. Pelas dez horas paramos em um lugarejo com suas construções de madeira e uma ou outra de alvenaria. O sólo é arenoso e escuro, devido ao carvão explorado nessa região. Os cartazes nas casas anunciam grandes hotéis, restaurantes luxuosos etc. mas é só no cartaz. Após o café ou coisa semelhante partimos. A estrada volta a acompanhar o litoral pela enseada do Brito. Várias vêzes transpomos braços de serra que se espicham até a orla do mar.

Rodamos agora sôbre estreita faixa de terra que arrolha a lagôa do Mirim. Podemos observar à direita o mar tendo ao fundo o continente e à esquerda o Oceano aberto. Duas praias bem próximas correm paralelas, uma de cada lado do "Pajé". No fim dêste ístmo vamos dar a um aterro seguido de uma ponte larga de concreto que nos põe sãos e salvos no continente.

Chegamos a Tubarão, cidade pequena mas de movimento intenso. Por meio dia almoçamos na churrascaria Bambu, onde o vinho faz sucesso em jarras. A comida é ótima, também. Duas horas. O vinho sobe à muitas cabeças, mas, temos que partir. No ônibus faltam Nakamoto, Marilena e Cesnik. A forte busina do "Pajé" é impotente para fazê-los lembrar da hora. O Raul sai a buscá-los e afinal os sumidos aparecem. Partimos, descompondo os três pelo atraso.

A estrada acompanha o litoral rumo a Criciúma, centro do coque nacional. A turma está mesmo muito alegre. Vitor e Bom Bril continuam brindando com vinho clandestino trazido a bordo, a tudo que lhes passe pela cabeça. Vitor revela-se um "show-man", cantando e contando anedotas. Falam bobagens pelos cotovelos. O copo de que se serviam quebra-se com a batucada. Jogam-no pela panela e depois jogam o líquido da garrafa. Finalmente até a garrafa é arremessada.

Os dois, cansados, adormecem sentados no banco, cabeça contra cabeça, uma beatitude estampada nos rostos. Uma idéia parte de alguém. Amontoamos em consequência dela todos os cobertores que estão a mão, sôbre os dois dorminhocos. A es-

pêssa pilha faria suar só quem a olhasse. Mas sôbre o banco bate ainda o sol da tarde quente.

O rosto do Bom Bril perde a beatitude e parece agitado agora. O suor começa a escorrer. Êle se agita, de repente se estica na cadeira e levanta-se de sopetão jogando os cobertores sôbre o Vitor. Acena gestos de desespero, seus olhos piscos tomam nota da realidade lentamente. Pensa um pouco e exclama “que calor, não aguento mais”. Também, pudera... Com Vitor a brincadeira não pega, êste sujeito suporta até cobertor elétrico. Não se altera e quando desperta declara que estava fingindo o tempo todo. Acaba a graça.

A viagem continua entre risos, o zum zum da conversa e a batucada intermitente. Cinco horas. Estamos no limite com o Rio Grande do Sul e a perspectiva de conhecer mais um Estado nos faz aclamar a passagem da fronteira.

A faixa litorânea amplia-se quando penetramos no Estado, empurrando a serra para longe. O sólo é mais avermelhado, a côr da vegetação modifica-se para um verde mais escuro. Cinco e meia. Atingimos a variante para Tôrres, estação balneária do Estado Sulino. O “Super F-60” nos espera encostado no lado direito da curva da variante. Paramos. O pessoal desce. Levantamos a questão de ir dirêto à Pôrto Alegre ou pousar em Tôrres. O Dr. Jardim resolve pôr em votação o assunto e a maioria prefere Pôrto Alegre, embóra seja mais sacrificado para nós. Os dois ônibus recuam e partimos pela BR-59.

Noite fechada já. O Pajé pára em um pôsto de gasolina. O bar do outro lado da estrada nos engana a fome com petiscos ligeiros, servidos pelos dois primeiros gaúchos que vemos. Daqui continuamos a rodar pela estrada que segue paralela ao litoral. O céu está claro com um mundo de cintilações azuis. Uma lua crescente ilumina com leve toque o perfil negro das montanhas. Às vêzes o marulho do mar é audível, identificando o negrume à esquerda.

Oito horas. Chegamos a Osório para jantar. É um lugarejo e não é difícil encontrar uma churrascaria, a do Alemão;

onde vamos saborear o primeiro churrasco do Pampa. Sentamo-nos às mesinhas de tampo de mármore, que possuem um cubo de madeira no centro para manter os espetos de pé. A espera, devido ao número elevado de pessoas, está desafiando nossa paciência. À nossa mesa o Bom Bril tine de fome mas quem reclama é o Vitor Vasquez, chamando o garção, que passa atarefado, por um nome hipotético: Olegário. Afinal consegue pedir-lhe o que queremos.

Uma eternidade se passa até que o Olegário aparece com dois espetos, deixa um com o Vitor e o outro com Bom Bril. Êste murmura-nos humildemente que não pedira aquilo, mas come o que fôr, a esta altura, e começa a cortar gulosamente. Como se tivesse ouvido, Olegário volta, diz que houve engano, agarra o espeto e vai novamente, deixando o Bom Bril com faca e garfo no ar ainda. Fica a nos olhar com o semblante tristíssimo, tão engraçado, que não podemos deixar de rir.

Acabado o jantar partimos para rodar sem parada até Pôrto Alegre. A conversa morre aos poucos e o frio aumenta, o que faz muitos procurarem seus cobertores.

Falta pouco para meia noite.

Chegamos à capital gaúcha com suas avenidas longas, os trilhos de bonde vincando o asfalto, um concêrto de anúncios luminosos a caracterizar a cidade grande. Os primeiros bondes após a greve recolhem passageiros, conforme mesmo o que havíamos lido nos jornais: A greve terminará a zero horas. Depois de tantos lugares ermos surpreende-nos o surgimento desta verdadeira metrópole, após tanta escuridão.

O Pajé pára no Q. G. do Exército, onde nos prometeram alojamento. Um telefonema faz aparecer um auxiliar do secretário da agricultura. Êle e o Dr. JARDIM sobem para falar com o oficial do plantão. Quando descem o Dr. JARDIM relata-nos estar o Exército de prontidão por causa da greve, e não poderá nos alojar. Acrescenta não ter apreciado nada a mania do Coronel que os atenderam, de falar brincando displi-centemente com o revolver carregado. Nas portas, andando de um lado para outro, as sentinelas carregam metralhadoras

portáteis. Isto nos causa péssima impressão, pois não estamos habituados a demonstrações de força. Ninguém mais quer saber de alorjar-se em quartel, preferimos pagar um hotel, o mais pacato possível.

É com alívio que nos distribuimos por dois hotéis bem civis: O São Luiz e o Umbú, na avenida Farrapos.

QUINTA-FEIRA, 7 DE JULHO

Um chuvisco fino cai continuamente na manhã cinzenta. Após o almoço estamos de visita à secretária da Agricultura. Esperamos pacientemente na sala do secretário, que êste se digne atender-nos. Uns pilantras se aproveitam do tinteiro cheio na mesa, para reabastecer suas canetas. E como somos muitos a seguir o exemplo, a tinta acaba. Chega o homem.

Não é o secretário mas sim o secretário do secretário do secretário, diretor do D.P.V., que substitui os dois primeiros secretários. Exprime sua satisfação por receber-nos e fala sobre a organização da secretaria. Os municípios econômicos do Rio Grande do Sul são apontados por êle num mapa, muito bem feito, pintado na parede da sala. Os fotografos de jornais convidados batem "flashes" quando Sérgio Vergueiro entrega uma flâmula de nossa excursão ao secretário. O Dr. JARDIM toma a palavra agradecendo a acolhida e elogia o cicereone da secretaria que nos guiou a noite passada. O secretário agradece a todos, e a visita se encerra.

Vamos à escola de Cadêtes de Pôrto Alegre, donde nos comunicaram haver alojamento por conta do Exército. No caminho, o "Pajé" pára nos dois hotéis para apanharmos a bagagem e acertar-nos as contas. Uma vez chegados ao quartel, notamos que êle se situa num parque bonito mas sua fachada é austera e sem personalidade, com uma pintura velha, de um amarelo que o tempo encardiu.

Um capitão nos recebe a entrada e nos guia ao alojamento. Passamos por um pátio quadrado, com o inde-

fectível átrio, as colunas suportando o andar superior das janelas a intervalos regulares, muito uniformes. O alojamento fica no andar superior sendo simplesmente um cômodo de enormes dimensões, retangular, com janelas de ambos os lados maiores. Três fileiras de enxergas completam a cena, tôdas arrumadas do mesmo jeito. O capitão nos faz advertências sôbre o material que vamos usar, como por exemplo os cobertores ou mantas, na língua dos militares, que não devem ter os selos danificados, para passarem por novos quando os cadetes voltarem das férias. Fica entendido que teremos água quente pela manhã no banheiro comum. Dá-nos, finalmente, senhas para ingressarmos no quartel à noite. Sem isso o sentinela não nos reconhecerá. Cada um, então, toma posse de sua cama de molas planas, muito barulhentas.

Saimos para jantar no restaurante Universitário. Continua choviscando e as ruas estão molhadas. Vamos em grupos e perguntando chegamos ao enderêço certo. Para jantar temos que enfrentar duas filas colossais devido à presença de um congresso de estudantes secundários. A comida é passável e a bebida única é leite frio. Depois vamos conhecer Pôrto Alegre na base de cada um para o seu lado. A chuva cessou e o vento frio sopra mórbidamente. O melhor programa é um cinema e para lá vamos Hideu, Paulo Meirelles e eu.

Após a sessão um bonde errante que passa na Borges de Medeiros nos leva de volta ao quartel, dentro da noite gélida. Com as mãos duras de frio, entregamos a senha à sentinela para entrar-mos. Dentro do alojamento um calor leve reina no ar e no escuro muitos corpos remexem-se nas camas fazendo-as ranger. Exclamações irritadas protestam contra o barulho. Após muito tempo, quando tudo cái em silêncio, um concôrto de roncões, seguidos ou não de assobios, de boa parte das 50 pessoas aqui presentes, recrudescer até atingir um ponto estável, rítmico, que se parece com o coaxar de rãs num brejo imenso.

SEXTA-FEIRA, 8 DE JULHO

A manhã desperta nublada e triste. O frio é tão intenso que deixa o corpo da gente entorpecido, apesar dos cobertores. Os mais valentes saltam do leito e promovem uma bagunça para que os mais preguiçosos façam o mesmo. Entre imprecações contra a dureza da vida todos estamos de pé. Da água quente prometida, nem vaporzinho. Das torneiras jorra um metal, e não água, de tão cortante. Muitos não lavam o rosto. Entretanto o Dr. Augusto e Guaxupé passeiam de lá para cá prometendo tomar ducha assim mesmo, mas só prometendo...

Só agora, hora do almoço, êste diário retorna as mãos do autor, extraviado que foi no bar Gaudérios, na avenida Farrapos. Colegas do Super F-60, querendo saber o que se passava no "Pajé", raptaram o inocente caderno de notas num momento de distração do dono. A leitura pretendida fracassou, porém, pois que não souberam decifrar os garranchos rabiscados às pressas nestas páginas.

De manhã visitamos a escola de agronomia da URGS. Trocamos flâmulas com o pessoal de lá. Aprendemos que o vento forte e frio que rugia pelas árvores não passava de Viravaca, vento prenunciador de minuano. Êste, sim, é forte e constante à ponto de vergar árvores. Visitamos o museu da escola muito completo na sua coleção zoológica, a casa do estudante, a sala do diretor e o anfiteatro. A seguir nos dirigimos a duas construções enormes em forma de hangar, que abrigam maquetas do fundo do rio Guaíba e da zona Portuária. São do Instituto de Pesquisas Hidrológicas da Escola de Engenharia de Pôrto Alegre.

Na volta paramos no Hospital Veterinário, chegando a tempo de ver uma vaca ser destramente içada à mesa de operações. Visitando outras dependências, passamos pela sala dos cães, com suas fileiras de gaiolas espalhadas em andares. A nossa presença alarma os caninos e um côro ensurdecedor se levanta deixando-nos atônitos. Latidos, ganidos, de todos os timbres, fazem desta sala um lugar um tanto irreal, como uma

sala de loucos. Acabada a visita vamo-nos para o almôço em Pôrto Alegre.

* * *

A tarde visitamos o D.P.A. para ver a exposição de ovinotecnia e reprodutores. Há também gado Devon, Holandês e Hereford. A parte mais interessante é o serviço de inseminação artificial, o sistema de recepção do sémem dos E.U.A. que é congelado a menos 193º centígrados e depois distribuido por todo o Estado.

O tempo restante até o jantar aproveitamos para flunar pela cidade. Pôrto Alegre é bem um fenômeno do progresso brasileiro com seus prédios modernos, arranha-céus e suas avenidas asfaltadas. O traçado é caprichoso, como se pode notar no centro da cidade. A avenida Borges de Medeiros é a artéria principal, de tráfego intenso. Seus semáforos controlam o povo e os veículos, dosando as duas correntes, que são mais caudalosas no cruzamento com a rua da Praia, como se vê nos centros de São Paulo e Rio de Janeiro. A rua da Praia hoje rua dos Andradas, é o centro principal do comércio. Os bons cinemas espalham-se nesta rua e na avenida Borges de Medeiros. As pessoas que passam por nós são na maioria morenas, de um tom esmaecido diferente do queimado do sol encontrado ao Norte. A maneira de trajar é mais européia, não falta o agasalho pesado e roupa de lã para enfrentar êste friozinho, ainda brando, da tarde.

Descendo a Borges e entrando pela rua dos Andradas chega-se a um pôrto muito movimentado. Nesta zona estão os maiores prédios comerciais, os mais modernos. Os artigos expostos nas vitrinas em geral são de procedência paulista, mesmo artigos de lã. Um fato interessante é a maneira de falar das pessoas daqui, o tratamento dá-se na segunda pessoa e as frases saem cantadas.

Antes das seis. Já é quase noite e o frio corta. Para chegar ao alojamento temos que enfrentar o "rush" das seis

horas. O programa após o jantar é passear pelo centro e, sem alternativa, de novo ir ao cinema. Após o jantar formamos um grupinho na rua Borges com Andradas e nos pomos a observar o "footing". As pessoas passam devagar à procura de cinema ou simplesmente observando vitrinas. Duas horas antes esta rua regurgitava de gente apressada como em qualquer cidade grande. Mas agora o vento sopra e faz frio de verdade e um cinema convidativo nos absorve para ver os "Dez Mandamentos".

Voltamos para o alojamento num bonde friorento onde o vento penetra, enregelante, por mil frestas. Uma vez no enorme albergue ouvimos os colegas que dormem plàcidamente. O tal concërto de roncõs, assobios e ranger de molas está assustador, parece ter disparado. Logo, porém, toma um ritmo constante. As janelas opostas das duas paredes trocam entre si sussurros gelados estabelecendo uma corrente de ar frio que penetra até através do colchão. Alguém fala qualquer coisa sem nexõ, quicá materializando um sonho agradável. Essa música tôda embala e faz dormir.

SÁBADO, 9 DE JULHO

Pela manhã a luz de uma madrugada sem sol nos desperta. A relutância é maior hoje para sair da cama pois o frio está pior.

Visitaremos Caxias do Sul. O lembrete do Carõço, que está tirando a turma da cama até à fôrça, faz a coisa andar. Logo estamos a postos no "Pajé", orvalhado pelo relento. Vamos ao hotel São Luiz recolher o pessoal de lá e tomar nosso café no Gaudérios.

Uma vez na estrada, admiramos a serra, o asfalto com a sinalisação moderna e alvas faixas laterais. Pôrto Alegre fica para trás na manhã enevoadã e começa o zig-zag serra acima. Pelas nove horas a bruma se esvai revelando o fundo verde das grotas. O pessoal está friorento e a conversa morre aos poucos, cedendo ao sono.

Dez horas. Nos arredores de Caxias há muitos vinhedos e casas de madeira. Ao chegarmos ao centro, nomes italianos aparecerem na frente das casas comerciais. O “Pajé” estaciona. Descemos na ampla praça central cujo passeio ostenta desenhos formando cachos de uva, riqueza local, e no centro há uma fonte circular. Com suas ruas retas e as quadras uniformes, Caxias parece ser uma cidade planificada.

Passamos pela loja de uma indústria metalúrgica famosa e não resistimos à tentação de entrar. O pessoal começa uma competição de compras mas quem compra mais é o Carnauba: Um faqueiro completo. Sinal evidente de “fim da linha” de sua vida vida de solteiro.

Por meio dia descemos até a fábrica de bebidas Michielon para uma visita. Aqui nos convidam para provar tôda linha de produção, num bar autêntico dentro dos escritórios da Cia. Os empregados nos servem champanha uma após outra, vinhos, conhaques e licôres quanto desejamos. Muitos agora estão caminhando um pouco inseguros. Quando estamos sentindo o efeito dos excessos, servem-nos suco de uva que neutraliza um pouco o efeito do álcool. Damos “hips” à Michielon porque estamos satisfeitos. Alguns começam a entoar um “hip” para nós mesmos e aderimos na alegria. O coquetél termina na maior cordialidade. Despedimo-nos, muito gratos ao pessoal da fábrica, para irmos ao almôço.

O “gallete” com polenta frita é o prato típico da região e a maioria de nós adere ao cardápio regional. Após o almôço o “Pajé” nos leva visitar pontos interessantes da cidade. O monumento ao imigrante Italiano é grandioso e pode-se subir por dentro dêle, por uma escada de degraus estreitos. Do alto vê-se a cidade, recobrando a ondulação do terreno. As máquinas fotográficas fixam a paisagem. Descemos e de novo o “Pajé” nos leva até o museu de assuntos gaúchos.

Neste museu estão expostos trajes típicos do gaúcho, suas selas e chicotes usados no passado. Numa sala contígua destinada à recepções, há painéis com produtos-amostra da Indústria de Caxias. Num canto está um piano trancado, e ao lado

dêste o que nos parece um cravo ou pianola. O recepcionista revela ser uma gaita de teclado, invenção original e única fabricada no país. Dona Zelinda, que sabe tocar acórdéon, ensaia uns números nessa gaita “bossa nova” de Caxias.

Uma senhora de cabelos grisalhos com suas duas filhas, residentes na cidade, são cativadas pela conversa do nosso grupo. O assunto deriva para a vida cotidiana de Caxias que, segundo elas, não é má. A senhora grisalha segura uma cadela pequinês nos braços, cujos olhinhos negros nos fitam desconfiados. O David Krasilchik aparece, não se sabe de onde, e, sem falar nada, vem direto afagar a cabeça da pequinês. Esta, que não está acostumada a atrevimentos por parte de um cavaleiro tão audacioso, reage à mordidas. Por pouco não consegue um bife do nosso colega. O David entra na conversa, olhando ressabiado para a pequinês. Percebe-se que o seu estado não é exatamente o normal, consequência do nosso aperitivo na Michielon...

Quando nos retiramos ouve-se um som estomacal, cavernoso, que desagrade sumamente às senhoras. Olhamos para trás e vemos o único suspeito...

Cinco horas. Voltamos. A tarde está bonita, ensolarada sem ser quente. O asfalto é engolido pelo “Pajé” insaciável e logo anoitece. Em Nova Hamburgo paramos para uma pausa. É um reduto germânico como Caxias o é Italiano. Muitos tomam analgésico contra a ressaca no bar da rua principal.

Oito horas da noite. Pôrto Alegre nos recebe na avenida Farrapos. Mais um dia da excursão cheio de novidades termina. Enfim o ônibus pára na Escola de Cadetes. João Gostoso e eu arrumamos nossas coisas para mudarmos a um hotel. Explicamos aos colegas: de quartel, chega; de chuveiro congelante também; de cama dura idem e acima de tudo chega daquêle travesseiro de pedra, que dá dôr de orelha pela manhã. Arrumamos um táxi no portão da Escola e juramos não mais voltar lá.

Descemos no hotel São Luiz, onde arrumamos vaga com dificuldade. Após dois dias sem coragem de enfrentar a “água

quente” que nos proporcionaram no quartel, é uma delícia um banho tépido de chuveiro que funciona, como se espera de um chuveiro civilizado.

DOMINGO, 10 DE JULHO

Novamente o dia amanhece enevoado. Pelas onze horas um sol radiante vem temperar o ar frio com o seu calor suave.

Pela tarde, após o almôço no restaurante Renner, a rua da Praia (Andradas) tem um ar domingueiro, as lojas estão fechadas e muita gente passeia com lentidão pela calçada ou observa as vitrinas. As môças aqui se trajam com gôsto, peles e lã as adornam com frequência, mas de qualquer maneira nós as achamos muito atraentes. Outros colegas se abalaram ao Jockey, como o Nakamoto, ou ao cinema para preencher o tempo.

À noite um grupo se forma na rua dos Andradas congregando Camargo, Vital, David Boneca, Mineirinho, Paulo Meirelles, Coti e eu. A certa altura decidimos visitar a famosa buate dos Espêlhos, cuja atração reside na sala forrada de espêlhos nas paredes, no teto e até na porta de entrada. Tomamos dois taxis de assalto e para lá vamos. O local não está cheio, por ser apenas 10 horas. Somos sete aqui e para alguns é a glória da primeira vez em uma buate. Não me refiro ao Paulo nem ao Coti, evidentemente. O Camargo logo que chega, já se decide pela sala de espêlhos. Quem aqui dança tem o prazer de se observar sob todos ângulos, evidentemente pagando mais por isso do que dançando na outra sala que não tem espêlhos. Nós, mais cautelosos, nos deixamos ficar na sala modesta. Camargo reaparece e nos conta agora as vantagens da sala espelhada. Porém Vital e eu estamos cansados. Resolvemos voltar, embora seja ainda meia noite, deixando lá nossos “perigosos” colegas. O Paulo, entusiasmado, diz que não sai antes das cinco.

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE JULHO

O pessoal está em campo comprando pêsos uruguaiois.

Ao meio dia os pêsos estão esgotados, não se encontra mais nenhum nas agências. Encontramos o Dr. Accorsi na rua, atrás de pêsos também. Êle nos avisa que a partida será só amanhã, pois o chofer do Super F-60 está sem passaporte e o consulado, para resolver êste problema, só atende à tarde.

Após o almôço o centro de novo nos atrái, a mim e ao Hideu, para conseguirmos trocar dinheiro. O sol intermitente vem de um céu já toldando-se de nuvens e suaviza o frio.

O acontecimento do dia é a partida inesperada do João Gostoso para São Paulo. Êle nos abandona sob pretexto suspeito: Sente indisposição geral, sem sintomas definidos. A nós porém, não engana, não. É saudades da doce terrinha de Piracicaba de onde uma noiva de faces rosadas perturba os pensamentos do bom nativo.

TÊRÇA-FEIRA, 12 DE JULHO

A partida de Pôrto Alegre só se dá pelas nove horas. O "Pajé" e o Super F-60 saem garbosamente atraindo olhares dos passantes na avenida Farrapos.

O interior do "Pajé" está festivo, pois todos estão alegres com a próxima entrada no exterior. Lá fora é festa também, os raios solares brincam no azul puro, dardejando alegremente. À saída de Pôrto Alegre estamos numa estrada pavimentada de concreto. O Fernando pára o "Pajé" em um pôsto de gasolina para reabastecimento. Descemos a fim de esticar os membros. O pessoal do pôsto nos informa que a estrada de Bagé não é a de concreto mas a de terra batida que começa bem atrás do pôsto. Lá ao longe na estrada vemos aparecer o Super F-60, que vem à tôda. Passa por nós mostrando os colegas gritando, braços gesticulando nas janelas, mas sem parar, enfiando pela estrada errada. Não adianta o Fernando buzinar

várias vezes, a distância agora já é grande. Pedimos então a um motorista que ia sair naquela direção que os avisasse do engano.

A estradinha nos leva à ponte nova sôbre o Rio Guaíba, de quatro vãos e vários atêrros. A extensão total desta ponte é de uns quatro Klm, com pilares de concreto que afloram da água ou sustentam-se numa ilhota de lama, aparentemente. Da ponte vemos uma grande superfície de água barrenta, que lembra, antes, um lago, que um rio.

Do outro lado do rio o terreno marginal é alagadiço. O panorama se desenvolve numa série de charneças, cobertas de bruma na manhã clara. O lôdo negro contrasta com a alvura das garças naturais desta região; que vemos de quando em quando, apoiadas numa perna só, indiferentes ao ruído do ônibus. Ao fundo, elevações serranas sobressaem à névoa.

Quando a charneca acaba, pequenas elevações aparecem disseminadas no plano. A pastagem que recobre a terra está crescada pela geada. Logo atrás destas elevações ficam os contrafortes da serra. Pouco adiante as elevações próximas recuam, transformam-se em coxilhas e o plano ganha êsse terreno, de tal forma que estamos no pampa gaúcho, a céu aberto. Planície imensa, estende-se à perder de vista tanto de um lado da estrada como do outro. Ao fundo as coxilhas em primeiro plano, mais ao longe, muito longe, a serra diminuta pela distância.

Agora aparecem pessoas na estrada poeirenta, mas não vemos nenhuma sequer a pé. Só montadas a cavalo. De quando em quando uma casa isolada aparece, perto da estrada. São na maioria acabadas com barro, e as chaminés lançam fumaça, indicando bóia em preparação. Sentadas na entrada crianças descalças observam curiosas nosso imponente "cavalo" mecânico e nos acenam sorridentes, antes que passemos. Alguns animais de criação pastam impassíveis ao lado da casa, completando a cena.

* * *

O gaúcho tangendo pontas de gado já é figura comum na estrada. Parece saído da própria literatura que o descreve, com

as suas botas sanfona, as bombachas largas e o paletó comum, chapéu de aba larga prêso no queixo com tira de couro. Na mão empunha o chicote de três tiras e com a outra segura as rédeas do cavalo. Quando passamos por êles aprumam-se no animal e cumprimentam respeitosamente tirando o sombrero. A primeira vez estranhamos que um desconhecido nos acenasse, agora porém, é uma farra acenar, gritar um “Bom Dia”! ou um “Como Vai”, cada vez que encontramos um dêles.

Por volta de meio dia atingimos Caçapava do Sul, pequeno burgo perdido no pampa, encarapitado numa colina pelada, da côr do pó. As casas estão pardas da poeira e de notável há apenas o forte em ruínas e a Igreja recoberta do pó dos séculos. Arranjamos almôço numa casa de pasto na rua principal. O dono, após uma refeição medíocre, pedincha elogios ao Dr. JARDIM. Êle, porém, dá a nota justa de sempre respondendo um “mais ou menos” que deixa o tipo desconsolado.

Partimos. A estrada nos leva agora por um pampa que nos parece cada vez maior. O pasto é verde, viçoso e sem sinais de geadas. O calor incomoda um pouco mas a poeira é varrida por um vento oportuno, sem contaminar a atmosfera interior do Pajé. A turma do Super-F-60 continua desaparecida após a “gafe” do pôsto de gasolina. Esperamos encontrá-la em Bagé.

À beira da estrada cêrcas de arame farpado se alongam, enviando ramificações para o interior, mostrando a divisão de pastos e propriedades. Dentro dêstes limites espinhentos pasta o gado em sociedade com carneiros. Notamos um animal entre êles que não é gado nem carneiro. Logo vemos mais e os identificamos: São êmas, naturais desta região. O Pajé pára, a pedidos, e o Mialhe desce para fotografar esta exótica confraria. Um ônibus surge atrás envolto numa nuvem de poeira. Chamamos o Mialhe e o Dr. AUGUSTO, que também descera, para fugirmos ao banho pardo. O Pajé arranca e começa uma corrida divertida no pampa.

O outro ônibus, porém, nos ultrapassa mostrando por entre o pó uma coleção de rostos de turistas uruguaios que nos observam curiosamente pelas janelinhas fechadas. Paramos no-

vamente para o pó assentar. O Mialhe fotografa, agora com calma.

Por volta das quatro, nova parada a beira de frondosos eucaliptos. Atrás deles há uma casa donde sai correndo, súbitamente, um gaúcho. Muito solícito, vem saber se precisamos de ajuda e também saciar sua curiosidade. O Fernando, porém, parara apenas para ver se vasa óleo.

Retomamos a rota e pelas cinco da tarde chegamos em Bagé. Muita gente da calçada observa, curiosa, a nossa montaria. A cidade é relativamente grande, com sua longa avenida principal. A praça central, cujo nome é Silveira Martins, possui um corêto peculiar. Em frente está o edifício mais alto da cidade, com cinco andares.

Arrumamos lugar no hotel Brasil, um prédio aparentemente do século passado, com balcões nas janelas dos quartos. Após o jantar espairocemos na calçada em frente, observando os transeuntes.

Nisto aparece o Super F-60 transviado. O ônibus estaciona e o Raul vem nos contar terem eles nos esperado em Cachoeira do Sul para o almoço. Lá um pneu estourou, mas já estavam na cidade e não houve atrazo maior.

Cesnik logo cumpre o dever de informar a cidade de sua chegada. Só depois disso êle informa a nossa presença aqui, acompanhando o grande chefe "touro afogado", que é o Cesnik. Êste capítulo se passa no clube social quando nos informam de um baile que se realizará à noite aproveitando a passagem de uma orquestra Argentina típica por Bagé. O pessoal obtém um convite geral para a turma com o presidente do clube.

Onze horas da noite. O pessoal do Super F-60 já está alimentado e acomodado e nos concentramos para ir ao baile. Quando chegamos ao clube, vamos diretamente ao bar, com suas mesinhas enfileiradas. Guido Chierichetti já está aqui, e, valente, já bebeu dois "cuba-libres". Sua animação pernóstica é sinal evidente que o "cuba" subiu até aquela cabeça ôca. Com a chegada do grosso da turma passamos ao salão de baile.

O Presidente do Club observa nossa passagem algo desesperado. Fizera o convite supondo que só uns dez ou quinze viessem mas uns quarenta colegas desfilam em direção ao salão de baile.

A orquestra ataca tangos e milongas com a mesma facilidade que toca boleros e fox sentimentais. É ótima. Outra coisa notável são as garotas da cidade. Vestem-se com elegância e seus penteados são da moda, nem parece cidade do interior gaúcho.

Somos muitos às quatro horas da manhã, no fim da festa, mesmo com a obrigação de acordar às seis horas. Aqui fora o vento está forte e pelo menos duas pessoas do lugar vaticinam chuva para o dia seguinte, ou melhor, este ainda. Como vemos estrélas no céu apesar do vento e como o tempo esteve ótimo o dia todo, duvidamos.

QUARTA-FEIRA, 13 DE JULHO

Uma hora e meia de sono. É um suplício acordar às seis horas. Após o café estamos sentados no "Pajé", os que fomos ao baile, à espera da partida mas sem ânimo para nada. Saímos rumo a Aceguá. A maioria dorme. Pelas nove e meia estamos na fronteira com o Uruguai. O exterior tão próximo desperta-nos da letargia, a conversa súbitamente aumenta de volume.

Aceguá consta de dois ou três armazéns de madeira de um lado da estrada e de outros três ou quatro armazéns fronteiros. Os pôstos alfandegários do Brasil e do Uruguai e uma casa de câmbio completam o burgo. Estamos no tópo de uma elevação dominando os pampas imensos em qualquer direção que olhemos. Pesadas brumas recobrem o solo até muito ao longe, semelhando um mar em calmaria, batidas pelo sol, cujos raios se refletem criando uma auréola de luz sôbre a névoa.

Até agora o tempo está bom, mas nuvens começam a juntar-se no firmamento. A previsão que ouvíramos em Bagé não era infundada. Chamam-nos a alfândega brasileira. Temos

que declarar todos objetos de valor contrabandístico, como aparelhos elétricos ou máquinas fotográficas. Vamos à alfândega Uruguuaia. Para coroar as formalidades burocráticas o chefe da aduana Uruguuaia, um sujeito bigodudo, passeia os olhos sonolentos por nossas bagagens expostas indiscretamente.

Onze horas. Estamos desembaraçados. No “Pajé” o moral está alto quando partimos, ultrapassando o marco de pedra da divisa. Hoje é aniversário de Dona Zelinda e o Dr. Jardim vem nos regalar com cidra Uruguuaia, que êle adquiriu nos armazéns de Aceguá. As garrafas, cheias lá na frente, chegam muito desfalcadas aqui na cozinha, apesar de nossos protestos. Cantamos “parabéns” e entoamos um “hip” em honra da aniversariante.

Apesar da fronteira burocrática a paisagem não se altera de início. São os mesmos pampas do Brasil que passaram por baixo do limite político. Os característicos do Uruguai aparecem aos poucos com os sinais evidentes da mão do homem. Muitos maciços de árvores se espalham pela planície para proteção do gado contra o sol de verão e contra o vento hibernal. As habitações, frequentes à beira da estrada, são baixas, muito baixas e o telhado é de uma água só. Dá a impressão de se estar em Liliput. As cercas de arame farpado definem as propriedades e dentro delas a associação de gado e carneiro é comum aqui também.

Alguém pergunta se existe carneiro vermelho. O Dr. Jardim, sorrindo, explica ser um sistema de marcação após a tosquia o que vemos além da cerca: carneiros tosquiados e pintados para identificá-los dos que não o foram.

Por meio dia chegamos a Melo com tempo feio, chuvinha miúda e céu cinzento. É uma cidade pequena de ruas pavimentadas e estreitas. A altura dos andares é extremamente baixa e isto nos impressiona novamente. Poucas casas tem jardim, a maioria delas começa na calçada.

Nosso primeiro gasto em moéda uruguuaia é o almoço de nove pesos no Nuevo Hotel. O almoço passaria sem dificuldades não fôsse o cardápio. Os tais “fideos” intrigam a mui-

tos, até pensamos que é nome de gente. Mas quando o pedido chega a coisa vem a ser macarrão e ruim. O pão aqui tem forma diferente, arredondada, mas é saboroso e tem casca muito grossa.

Pelas duas horas da tarde reocupamos o “Pajé” para alcançar Montevidéu. Alguns moleques na calçada nos pedem “moedas braceiras” e são iguaizinhos a qualquer moleque do mundo. Partimos. O tempo continua enfarruscado e triste na sua monotonia. A garôa cai molemente deixando tudo úmido.

* * *

A estrada, de terra, é conservada com niveladoras e isto diminui muito a trepidação do ônibus. O céu escuro vela os pampas desolados. O chuvisco é intermitente e os telhados das pequenas casas estão molhados. A conversa é cinza já há algum tempo. O cansaço que restou do baile de Bagé obriga ao repouso.

Pelas quatro horas paramos em Treinta y tres para um lanche. É uma cidade pequena como Melo. Estamos numa alameda molhada da chuva onde pouco adiante uma placa anuncia uma fábrica de “galletitas”, biscoitos.

Seis horas da tarde. Noite fechada. Paramos em um bar beira de estrada, para um outro lanche à guisa de jantar, cujo tétó é pouco mais alto que nós, mas tem uma lareira acolhedora na sala ao lado. Começamos a perceber os preços das coisas no Uruguai. Um refresco custa 45 centavos de pêso, um sanduíche cinquenta centavos.

Daqui por diante os ânimos se alegram e recomeçam os côros carnavalescos. O “Pajé” pára em um trecho escuro como breu. Um guarda faz sinal de carona sob a luz forte do farol. Ele obtém a condução que deseja mas aguenta o nosso berreiro até seu destino, incluindo a guerra verbal entre os da frente, “sala” e os de trás, “cosinha”. Esta ganha por desistência do adversário. Atingimos asfalto e o “Pajé” navega em ritmo firme.

Agora o Dr. Jardim nos conta o que sabe sobre Montevidéu enquanto os faróis do “Pajé” mostram uma pista de concreto. Os dois quadros negros que são os parabrisas, mostram pontos

luminosos. Um dêles é um pisca-pisca vermelho muito evidente, denunciando o aeropôrto de Montevidéo.

Luz de anúncios luminosos se refletem no asfalto molhado das avenidas de Montevidéu, nos acordando. A profusão de luzes contrasta com a escuridão donde viemos. É meia noite e há muita gente ainda pelas ruas, encapotadas contra a chuva. Vamos parar no Hotel Claridge. A ocupação do prédio é feita o mais rápido possível, tal é o sono e o cansaço. Os quartos, porém, não têm janelas, o equipamento do hotel é obsoleto, tudo aqui cheira môfo. De, hotel, só o nome.

QUINTA-FEIRA, 14 DE JULHO

Acordo completamente sem sono. Consulto o relógio: É um quarto para uma. Zink, meu companheiro de quarto, desperta dando uma **risada** inesperada. Êsse sujeito me deixa desconcertado com sua mania de rir. No fim acabo rindo também só do jeito dêle. Como o quarto não tem janelas nos perguntamos se é dia ou noite. Não é possível que tenhamos dormido uma hora sòmente, se fôr noite. Só se dormimos vinte e quatro horas em seguida.

Abro a porta do quarto. A luz do dia coa pelas janelas do corredor. Logo uma hora da tarde. Dormimos doze horas a fio e estamos atrazados para o almoço. Aprontamo-nos rapidamente e saímos. Montevidéu de dia é confusão de gente nas calçadas e de tráfeço sôbre o asfalto molhado da chuva recente. A avenida 18 de Julho é a principal artéria da cidade onde a nata do comércio abre suas portas. Na altura da rua Rio Branco encontramos o Guaxupé e outros colegas observando vitrinas, já “boiados” e satisfeitos. Consulto o guia turistico e descubro um restaurante na rua Rio Branco mesmo, bem perto daqui. Posada Del Mar é o nome do local. Aqui resolvo experimentar um prato nacional, a Parrillada. Zink, mais prudente, encomenda um bife com batatas. O garção me trás algo embrulhado em folha de repólho ladeado de choriço e linguça.

fritos. O primeiro pedaço da coisa me sabe a carne fibrosa, mas é doce e de uma côr violácea. O garção está por perto e lhe pergunto o que vem a ser aquilo. “Riñones” responde. É rim de vaca o que como, bem recheado de tempêro. Largo a Parrillada, desiludido, e me concentro no choriço e na linguíça enquanto Zink ri da minha confusão.

Depois do almôço percorremos a avenida 18 de Julho de alto a baixo. A uma certa altura encontramos o Chiericheti embrulhado em um grosso capote xadrez, comprado há cinco minutos. De dentro de sua fortaleza de lã lança olhares piedosos aos nossos ralos paletós. Despede-se e segue avenida abaixo, todo empertigado.

De maneira geral as pessoas que passam por nós vestem-se com roupas pesadas. As peles saíram das caixas para enfrentar êste friozinho, que para nós ainda não é violento. O capote masculino faz parte obrigatória do traje, quem não o tem passa ou por pobre ou por louco. Afinal, vamos para num barzinho pegado à Praça da Liberdade. Aqui há um toca disco automático e várias garôtas Uruguaias sentadas às mesinhas ouvem a música escolhida. No último reservado damos com o Vital, o Vitor e Mialhe, tomando cerveja nacional e admirando as “chicas” uruguaias. Sentamo-nos também e imitamos os nossos sábios colegas.

Pelas seis horas da tarde, noite já, passamos pelo Claridge, pois vamos mudar para o Hotel Arlon, onde está a maior parte da turma. Breda e sua espôsa também estão de mudança para o mesmo hotel, horrorizados com êste ambiente fechado.

No Arlon a camareira urguaia que nos atende, mulher quarentona, faz enormes elogios aos turistas brasileiros, que, segundo ela, primam pela educação. Agradecemos, sensibilizados. Para jantar vamos a um restaurante chinês autêntico que notáramos no nosso passeio da tarde. Zink e eu achamos confortável a calefação do local, pois o frio aumentou muito agora. Rematando a noite vamos ao Cine Plaza por iniciativa do Paulo Meirelles, “expert” em matéria de sétima arte, que encontramos na Avenida 18 de Julho pouco depois do jantar.

Está levando “Um Rei em Nova York”, com Charlie Chaplin. A entrada é cara, quatro pêsos e não há meia entrada para estudantes.

SEXTA-FEIRA, 15 DE JULHO

Uma manhã frígida nos recebe à saída do Hotel, pelas nove e meia. Novamente vamos à caça de “recuerdos”.

A burocracia está emperrando a nossa semana do café. Até agora não se montou nenhum “stand” do I.B.C., por falta de local. O Dr. Jardim, entretanto, procura solucionar o problema. Enquanto isso nosso pessoal passa o tempo fazendo turismo por conta própria.

O China de novo nos recebe, eu e Zink, para o almoço, após o que voltamos à procurar oportunidades na 18 de julho.

À noite reunimo-nos ao Vital, Marilena e Raul para visitar o cassino “Parque Hotel”, na praia Pocitos. O taxi nos deixa em frente ao local, iluminado com profusão. O ingresso no cassino custa dez pêsos. Dentro um corredor leva aos dois salões de jôgo. Entramos no da esquerda e vemos as mesas rodeadas pelos jogadores. A luz forte dos abajures cônicos pendentes sôbre as mesas ilumina o recinto, embaçado pela fumaça dos cigarros. Ouve-se o ruído das fichas manejadas pelos crupiês, que gritam os resultados da sorte: “negro, 20”! “rojo, 2”, “zero”, “no va más”! A um canto vemos uma mesa de bacará, onde o jôgo se processa quase em silêncio. O outro salão é menor e só tem mesas de rolêtas. Como está mais vazio e menos enfumaçado que o outro, por aqui ficamos. Zink fascina-se pela roleta e nós rodeamos a mesa acompanhando o jôgo para aprender o mecanismo. Após uns quinze minutos, estamos aptos para arriscar uns pêsos com boas possibilidades... de perder. Vários crupiês vão abrir uma mesa mais, pois as outras já estão apinhadas de jogadores. Para dar sorte, vamos para lá fazer o nosso jôgo pela primeira vez. No início o Zink perde do nosso lado e o Raul ganha desafortadamente, do outro

lado da mesa. Resolvemos Vital e eu entrar no jôgo de sociedade com o Zink.

Três cabeças pensam melhor que uma. Ganhamos um punhado de fixas que dá para cobrir até as entradas que pagamos, com um lucrinho. Vital, prudente, aconselha pararmos. Concordamos. Saímos da sala para voltarmos ao hotel, mas no caminho o Zink sente uma inspiração e diz que está com um palpite. Bem, já que êle tem um palpite, não custa nada tentar mais uma vez. Retornamos à mesa. Perdemos. Saímos resolvidos a não voltar. A meio caminho parece-me que arriscar mais um pêso ou menos um pêso não fará diferença, depois do que perdemos. Podemos até recobrar o dinheiro perdido. Voltamos. Novamente perdemos. Raul e Marilena, que jogam sós, despedem-se da sorte sorridentes e se vão. Zink está perdendo de novo, nervoso, diz que só jogará nos seus palpites, agora em diante. Por uma e meia da madrugada um Zink perdedor está de mau humor, sem dinheiro e jura que amanhã se desforra da sorte madrastra. Não há dificuldades em irmos embora nestas alturas.

No silêncio do hotel sonho com pano verde e parece-me ouvir o desenrolar do jôgo: “Negro 17”, “Colorado el uno”, “no va más!”

SÁBADO, 16 DE JULHO

Acordo cansado, pois a excitação do jôgo não faz bem aos nervos. É tarde, quase meio dia. Zink acorda também e saímos para o almoço, já costumeiro, no China. Satisfeita a fome, inventamos um passeio de ônibus até a praia Pocitos. O tempo está péssimo, com uma chuvinha persistente que faz das ruas um deserto. No ponto final o tempo inclemente impede o passeio.

Passamos rapidamente para outro ônibus que vai sair. Zink está ansioso por rever o cassino, sua paixão Uruguiaia. O ônibus, porém, dá uma grande volta sem passar por lá e nos larga no centro. Rematamos a tarde com um descanso no hotel.

É noite. A febre novamente se apodera do Zink e me arrasta também ao cassino. Ele está com o seu palpite infalível e ganha desde a primeira parada. Até chama atenção dos expectadores que rodeiam a mesa. Cansado de vê-lo ganhar, começo a arriscar uns pêsos e acabo por me abandonar à magia do jôgo.

O pano verde deve ter alguma mandinga, pois o tempo passou sem que sentíssemos, nem acredito que são duas da manhã.

O crupiê anuncia agora "las tres ultimas de la noche" "hagan sus juegos". Fazemos nossa última jogada. Ambos perdemos. As rolêtas param, já fecham as mesas. Zink perdeu cem pêsos e está aborrecido. Eu, pouco mais feliz, saí com o que entrei.

DOMINGO, 17 DE JULHO

Um dia novo em fôlha nos recebe pela manhã, trajando um céu azul, com iscas de nuvens de algodão que o vento esgarçou lá muito no alto. Desde a chegada não vemos o céu nem o sol. O frio parece, entretanto, ter aumentado e a brisa que levanta as fôlhas do chão na praça Independência é bem de inverno. Somos cinco reunidos nesta praça para sacar umas fotos: Vital, Celsão, Zink, Mialhe e eu. Após isto vamos ao almôço domingueiro no Sorriento, perto daqui. Duas horas. O "Pajé" está de saída para a praça do Palácio Municipal, onde se inaugura, enfim, a nossa semana do café. Corremos para alcançar o ônibus que já está saindo pela praça. O Mialhe vai na frente e seus berros fazem o "Pajé" parar.

Uma vez no local da semana do café sabemos que o pessoal está dividido em turmas, como fôra mesmo combinado. Os que estão em serviço hoje montam os "Stands". Três da tarde. Tudo está pronto: Quadros com figuras, fotos e letreiros alusivos à rubiácea distribuem-se estrategicamente pela praça. O balcão quadrado com as máquinas de fazer café, de onde vem um cheiro tentador, está rodeado de curiosos.

Começa a distribuição do primeiro café coado. A coisa é um sucesso. Os Uruguaios, que pagam mais de dez cruzeiros por um simples café de máquina e um copo de água, ou um café de coador muito aguado, lá no café Sorocabana e que poderia muito bem ser apelidado de “chafé”, devem estar maravilhados com tal oferta. No balcão quadrado estão os fazedores de café Raul, Carôço e o Fernando. Devido ao amontoamento de gente Da. Zelinda toma iniciativa de fazer os uruguaios formarem fila, com nossa ajuda. Colegas de serviço distribuem os copinhos de papel encerado, colherzinhas de madeira dessas de sorvete, mais o açúcar. Assim, a pessoa só tem que receber o café, mexer com a colherzinha e tomá-lo, estalando língua. Outros colegas estão encarregados de distribuir folhetos sobre como fazer um bom café em casa, para incrementar o uso do pó exportado pelo Brasil.

Por quatro horas, nós que não estamos de serviço somos convidados a fazer turismo ao “cerro” de Montevidéu. Um Uruguaio, amizade internacional, entre as inúmeras, do Dr. Augusto, será nosso cicerone no “Pajé” e nos vai expôr o nome e a significação dos lugares interessantes.

Inicialmente passamos pela praia Ramires com o cassino, que deixa o Zink emocionado, e o parque Rodó, de diversões. Após vem a praia Pocitos, com a “rambla” ou avenida marginal, atravancada de carros. Pela calçada à beira da praia muita gente espairose na tarde ensolarada. As môças sentadas nos murinhos de arrimo olham curiosas a imponência do “Pajé”. O pessoal no ônibus se aproveita da atenção para ovacioná-las ruidosamente.

O monumento à carreta é notável com sua roda semi-atolada, de tanta verossimilhança. Atrás do monumento há um estádio em construção, no meio de um jardim.

Seguimos para o Cerro passando por residências modernas.

Chegamos. A elevação do morro é vencida por uma rampa sinuosa. Uma fortaleza colonial marca o fim da linha. Conseguimos com os militares quinze minutos para uma visita ao reduto. Uma porta se abre em um portão maior de madeira

é pisamos um chão de pedras ajustadas, gastas pelos anos. O edifício tem a forma de um “pueblo” e o corredor circundante apresenta seteiras no muro com guaritas de observação. Nas esquinas do corredor canhões velhos observam indiferentes a paisagem. Vemos o rio da Prata à nossa direita e em frente a cidade de Montevidéu. O entardecer pinta esta cêna com os matizes vermelhos do poente. Na chapa cinzenta da água do rio resta um último rastro prateado.

Tempo esgotado. O oficial do forte vem nos pedir a retirada. Faz frio aqui, a brisa forte vem do rio e enregela a gente. Já no interior do “Pajé” ainda existe um pouco de calor. Partimos ladeira abaixo. Antes de chegar a cidade paramos para admirar de relance o monumento à Diligência, com um restinho de luz.

Chegamos ao hotel Arlon, com as luzes das ruas acesas. Fica combinado com o amigo Uruguai e sua família um passeio a Punta del Leste para amanhã, feriado da Independência Uruguia.

Após o jantar estamos dispostos a um programa: Vital, Wladimir, Zink, Coti e eu. A maioria quer arriscar-se no cassino de novo. Eu prefiro um programa mais econômico mas, como não há, acabo me decidindo pelo pano verde. Um taxi deixa no local. O cassino está com a metade dos habituais, penso que os jogadores também tem dias de descanso para gozar. Começo a jogar pela dez da noite, só na côr, sòzinho porque os outros se espalharam pelas inúmeras mesas abertas.

Ganho bastante quando aparecem o Avari, Osmar e Papi-nha. Perguntam-me com displicência como se joga. Tento explicar, enquanto os dois me ouvem com atenção, oscilando levemente. O estado deles não me inspira confiança. O Avari com fichas na mão procura um número com o olhar. Seus olhos param no número três. “Hoje vai dar o três”, afirma enfático, naquele vozeirão. O Osmar pergunta-me uma palpite. Respondo número vinte e um sem hesitar. “Então é o vinte e um” exclama êle colocando seu pesinho sôbre o número. Os dois ficam observando a rolêta por cima de meus ombros.

Dois nativos fortes vêm jogar ao lado do Osmar, ambos num piléque. Um deles quer apostar na côr e inclina-se sôbre a mesa tentando alcançar a risca. Murmura naquela voz pastosa dos alcoolizados: "Ahora es colorado". O Osmar, empurrado, inclina-se para o nosso lado. Nós, com o aperto, também inclinamos uns 45 graus. O sujeito volta à vertical e em consequência todo o nosso grupo se reapruma. Como há pouco espaço ao redor da mesa, um movimento de vai e vem transmite-se a todos nós. Oscilamos, refletindo os sucessos do jôgo, segundo as emoções dos dois à direita: se perdem, o balanço é mais enérgico; se ganham, a oscilação é suave. Afinal dá negro e todos perdem. Osmar e Avari vão-se desanimados.

Eu continuo a jogar. Uma voz interior diz-me "páre", mas a febre de ganhar é mais forte. Perco mais de noventa pesos numas poucas jogadas, sempre na mesma côr. O "negro" não sai. Certo de que desta vez dará esta côr, jogo sessenta pêsos nela para recuperar parte do que perdi, se tiver sorte. Sáio, até, de perto da mesa quando o crupiê lança a bolinha na roda. Quando êle anuncia o resultado, ouço o nome da outra côr e, desalentado, penso que perdi. Mas o crupiê repete o resultado e, com imenso alívio, vejo que venci. Perco por completo a vontade de jogar, porém.

São quase duas horas e o crupiê anuncia "las tres ultimas de la noche" nas quais não me arrisco. Zink aparece na última rodada com cara de entêrro. Como eu, ganhara na outra mesa, inicialmente. Mas como não se contentara, perdeu novamente mais de 100 pesos. O jôgo é encerrado. Os funcionários fecham as mesas.

Aqui fora venta frio. Na fila para o taxi, na entrada do cassino, o Chiericheti exulta com a sua boa sorte. Wladimir também ganhou. Zink e eu os olhamos desconsolados.

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE JULHO

Pelas oito da manhã o "Pajé" está de partida para Punta del Leste. Saímos pela parte urbana e entramos na estrada de

concreto margeada de eucaliptos. O “Pajé” corre em ritmo firme. Muitos dormem devido ao cansaço da noite passada sob a tensão do jôgo.

Vamos almoçar em Maldonado, cidade pequena que o feriado paralisou por completo: tudo deserto. Nosso cicerone Uruguaio nos regala o almôço com um garrafão de vinho ótimo.

Continuamos para Punta del Leste. Já nas suas proximidades muitas casas de madeira aparecem, bangalôs que se pode alugar nas férias. Os eucaliptos continuam alinhados de um e outro lado da estrada. Chegamos a um trecho onde vemos mar de ambos os lados. Estamos num istmo ou ponta. Vamos dar afinal a um aglomerado de casas de madeira, apertadas na estreita faixa de terra, com jardins na frente. Ruas asfaltadas cortam a estrada, ligando as duas praias.

O ônibus pára em frente ao mar, no fim de uma das ruas transversais e descemos para ver uma praia estreita, forrada de pedras e conchas trituradas. Um sol tímido nos espreita por entre as nuvens mas o vento frio é cortante. Vamos andando até uma ponta rochosa onde um murinho de proteção indica o limite da rua. Abaixo, entre as rochas, está uma âncora abandonada. Um pouco à esquerda há uma armação de ferro comida de ferrugem, denunciando um naufrágio. Ao longe chega o mar, côr de chumbo e deserto. Esta é a ponta do Leste, o famoso extremo cardeal.

Um sujeito magro aparece com bugigangas para vender. São pouco originais e caras. Ninguém se interessa por elas. Retornamos ao “Pajé” e voltamos pela estrada até o famoso clube dos festivais de cinema. Está êle no fim de uma curta alameda asfaltada, orlada de coqueiros, que sai da estrada. À entrada assinamos o livro de visitantes. Uma sala de estar atapetada nos recebe com temperatura agradável, um grosso pedaço de tora queimando na lareira. Pela ampla porta de vidro, vê-se uma piscina rodeada de árvores e alamedas, um recanto muito agradável, mas que o frio desertou dos “bikinis” sensacionais.

Passamos ao cinema e à sala de boliche, que vejo jogar pela primeira vez. Voltamos, pelas quatro horas, rumo a Mon-

tevidéu. Na estrada, de quando em vez, nosso amigo Uruguaio faz passar uma bandeja de papelão com sanduiches e dôces. Pelo visto o homem trouxe um arsenal, pois a bandeja vem cheia inúmeras vêzes. Visitamos ainda a praia de Piriápolis, onde se encontra uma imagem religiosa, instalada no morro rochoso. Antes de chegar em Montevidéu paramos numa pequena praça, perto da cidade, donde sai um caminho descendo por um bosque, onde encontramos alguns quiosques vasiaos anunciandô cerveja. É um local de "pic-nic" dos Uruguaiois. Vamos dar afinal à uma praia de areia muito branca, linda ao entardecer e completamente deserta.

A busina do ônibus soa impaciente e voltamos.

Às sete horas chegamos em Montevidéu satisfeitos com o passeio. Após o jantar no "Palácio de Las Papas Fritas" o Vital vem nos informar que o pessoal está no "Yacht Club", dançando. Zink, abatido com as derrotas no cassino, prefere acompanhar uma turma que vai ao cinema. Eu escolho o Yacht. Um táxi leva-me até ao fim da praia Pocitos.

Aqui o pessoal está na maior alegria. Fazem de tudo: tocam instrumentos, cantam sambas e servem de cavalheiros para as poucas damas presentes. O Chiericheti toca pandeiro à moda Italiana, e o samba sai em ritmo de tarantela. Carôço ao piano ainda arruma jeito de puxar umas notas do peito, ajudando a cantar. Uma sessão completa de carnaval vem co-roar a noite. As Uruguaias presentes têm oportunidade de dançar um carnaval autêntico.

A noitada encerra-se com as músicas sentimentais cantadas pelo Sérgio Vergueiro. Está concluída a "soirée" de música popular brasileira, patrocinada pelos F-60 a fim de incrementar o consumo de ritmos nossos. Sucesso absoluto na propaganda.

TÊRÇA-FEIRA, 19 DE JULHO

Desperto tarde. Após o almôço, pelas duas horas, estamos a caminho do Palácio Municipal, em frente ao qual estão mon-

tados os “stands” do café. Zink e eu estamos escalados para ajudarmos a turma de hoje.

Ao chegarmos o pessoal está em plena atividade, sob o comando do bonachão Victor Vasquez. Às três da tarde a água ferve para o primeiro café. Marilena e eu nos encarregamos de manter a fila em ordem e distribuir os “vasitos”, ou copinhos de papelão e as “cucharitas”, ou as nossas colherinhas de sorvetes. No balcão quadrado o Victor remexe o café como autêntico mestre Cuca. Logo a fila se espicha com a chegada de muitas pessoas.

Vários Uruguaios conversam conosco sobre os problemas do café no Uruguai. Todos são unânimes em criticar a mesclagem do café brasileiro com outros inferiores, até mesmo com sucedâneos da rubiácea. Assim nosso trabalho será um tanto frustrado porque não existe uma rede de distribuição de genuíno café brasileiro em Montevidéu, para indicar aos que procuram informações. Essas pessoas preferem fazer a bebida em casa, porém, desistem com a péssima qualidade do pó à venda no comércio local.

Entretanto, Marilena e eu trabalhamos sem interrupção distribuindo os “Vasitos”, ela e “Cucharitas”, eu. Alguém, engraçadinho, pede “Besitos” em vez de “Vasitos”. Marilena fecha a carranca, embora o trocadilho não seja máu, pois seus olhos sorriem.

Na fila temos uma coleção de humanidade. Gente de todos os tipos estão de copinho na mão à espera da surpresa. Um muito obrigado em português surpreende-me quando ofereço, em castelhano, os utensílios do café. São brasileiras de Bagé residentes aqui, e que passando pela praça sentiram saudades de um café à moda da casa.

É muito frio este pavimento cimentado. O vento, ainda, nos enregela o rosto e as mãos. Vou também tomar um cafézinho para esquentar, furando a fila.

As dezoito horas e um quarto suspendemos definitivamente a distribuição do café. Este é o último dia da promoção, pois amanhã partimos para Buenos Aires. Apesar disto a fila é,

extensa e as pessoas ainda nos pedem com insistência a continuação do café. Nosso pessoal, porém, vai arrumando o equipamento nos caixotes. Ajudo a embarcar os volumes pesados no Super F-60, que parte para o centro. Depois passo pelo correio, pegado ao palácio, para em seguida, descer a pé a Avenida 18 de Julho, iluminada de pouco, o movimento dos pedestres intenso com a saída do pessoal do comércio. Está encerrada a semana do café no Uruguai. A praça que deixei deserta marca o fim de mais um lance da excursão.

QUARTA-FEIRA. 20 DE JULHO

Vamos abandonar Montevidéu. Seis da manhã, todos no hotel Arlon são despertados pelas batidas nas portas. Após o café começa a liquidação de nossas contas.

A entrada acanhada do hotel, com seus degraus de mármore, está repleta com nossas bagagens. Às sete horas partimos para Colônia del Sacramento.

De novo forma-se aquela atmosfera íntima do "Pajé", da qual já sentia falta. A estrada, após os limites municipais, é pavimentada em concreto e margeada de coqueiros. Parece um túnel vegetal, cujas folhas farfalham com a passagem do "Pajé", produzindo um ruído peculiar, muito agradável.

Por onze horas atingimos Colônia. Esta viagem nos parece café pequeno ante as longas estiradas anteriores. Os dois ônibus param em frente a casa de câmbio da rua principal. É a última oportunidade de trocar dinheiro em pêsos Argentinos aqui no Uruguai.

Reuno-me à turma do Sergio Vergueiro, que está à cata de restaurante. Como o Rochele "Carôço" está conosco, fazemos barulho por cincoenta, andando pelas ruas da cidadezinha. Os nossos risos quebram a monotonia modorrenta de Colonia ao meio dia, provocados pelos chistes dêste artista do sal figurado, o Carôço.

Após almoço no restaurante ao lado da praça, andamos pela rua central. Um edifício térreo moderno e pintado de

novo é o clube social da cidade. O interior azul escuro contrasta com as garotas louras sentadas nas “Chaise-longues”, que vemos através dos janelões de vidro.

Logo depois passamos por outro clube, que em contraste, é nada imponente, todo simplicidade. Não sei como o Carôço descobre o zelador do clube e se põe a falar com o homem no seu espanhol macarrônico. Faz uma peroração acêrca de nossa excursão e sôbre o Brasil, que deixa o tipo embasbacado. Para demonstrar, por seu turno, a hospitalidade Uruguaia, o zelador nos faz entrar e nos mostra o clube todo: salas de jôgo com as mesas de pano verde sala de estar e a vitrola moderna. Conta-nos também como é a vida no clube, como são os bailes e reuniões importantes. Confia-nos que se viessemos à noite” que-dariam ustds encantados con las chicas hermosas desta ciudad”. Com agradecimentos, nos despedimos do bom sujeito e saímos à procura do pessoal.

O céu está nublado, com falhas que o sol se aproveita para nos enviar seus raios, porém, o calor é brando. Na praça o “Pajé” está a nossa espera, parado em uma das esquinas. Uma cigana polariza a atenção da turma, um bôlo forma-se ao redor dela. Não sei quem lhe pede para ler a sorte e todos ouvem graves o veredito. Depois acham graça e dizem que não acreditam nas palavras de uma pobre cigana.

O Dr. Jardim nos recomenda arranjar acomodações pois o vapor para Buenos Aires só parte no dia seguinte. O pessoal se espalha atrás de hotel, avisados para estarem de volta ao “Pajé” às duas e meia, quando iremos visitar o Instituto Fitotécnico do Uruguay, a Estanzuela.

Fato curioso deu-se com nosso mestre: o Dr. Jardim ia descendo a rua central com nossos colegas, quando se deparou com um pinguim emigrado do polo. O bicho logo perdeu a compostura e deixou-se fotografar amigavelmente ao lado de nosso professor. Dessas coisas que só acontecem em excursões divertidas como a nossa.

Às duas e meia o pessoal de novo se reúne no local onde o “Pajé” estaciona. Partimos pela estrada dos Coqueiros nova-

mente. Vinte minutos depois avistamos um Jeep, parado fora da estrada donde nos acenam. O motorista vai nos guiar até a Estanzuela.

Por um caminho de terra vamos dar em um pátio com um casarão rodeado de construções enormes. Descemos dos ônibus e as apresentações são feitas com um grupinho que nos espera em terra. A conversa logo toma um tom cordial e começamos nossa visita. No campo experimental, em pleno pampa debruado de morros no horizonte, estacas alvas marcam dados de ensaios. Um grupo forma-se ao redor do Dr. Jardim e nosso anfitrião, o Dr. Zeballo. Este fala-nos sobre consorciação de gramíneas e leguminosas, ainda sobre o capim kikuio.

O tempo melhora, mas o sol claro que nos fere a vista não é suficiente para aquecer-nos. O pessoal está de ótimo humor, tanto assim que de vez enquando alguém sente o bolso pesado, mergulha a mão e encontra um vasto pedregulho aí colocado sorrateiramente pelos colegas.

Vamos até umas construções onde um chiqueiro, cheio de lâma, abriga enormes porcos cinzentos que fuçam o chão. O estábulo pegado abriga gado Holandês. Chegamos a tempo de observar a ordenha mecânica, que nos interessa muito. Nos cercados seguintes, cavalos Percheron pastam o capim ralo e perto deles estão dois sangue árabe e um sangue inglês que atraem toda a atenção da turma pela sua beleza. No último curral pastam carneiros negros, da raça Karakul.

Voltamos ao pavilhão sede, onde nos servem um cafèzinho aguado, mas quente. O frio agora aumenta, o sol pôsto atrai a brisa gelada dos pampas e o próprio solo parece emitir frio. O pessoal que se refugiou no "Pajé" aparece atraído pelo aroma reconfortante da bebida negra.

Numa mesinha encontramos um livro de visitantes oficiais. O Dr. Jardim escreve na fôlha, após a última visita, o objetivo de nossa presença, tecendo louvores ao Instituto como órgão público, em português. Cada um de nós assina o livro como marca de nossa passagem.

Uma derradeira oportunidade é conhecer a seção de panificação. Uma senhora Uruguaia de meia idade nos atende fa-

lando um castelhano tão castiço, que todos entendem o que ela diz. A seção testa as qualidades dos vários tipos de trigo produzidos no Uruguai no que diz respeito as qualidades de panificação. Mostra-nos uma balança curiosa, um tensiômetro, para medir a resistência da massa do pão. No cubículo pegado mostra-nos um moíno para fazer a farinha.

São cinco e meia. Agradecemos efusivamente a recepção cordial. O Dr. Jardim combina com o diretor a guarida dos dois ônibus aqui na Estanzuela, enquanto estivermos na Argentina. Partimos para a cidade.

O Camargo e seus "cupinchas" Otoni e Mineiro, estão sem hotel como eu. Vamos até o hotel Glória, onde está o Dr. Jardim e procuramos arranjar acomodações com a dona. Esta telefona para uma amiga, pois aqui não há mais vaga e arranja acomodações em outro hotel, que fica, porém, na entrada da cidade.

Pedimos um taxi pelo mesmo telefone. Quando êste chega, um Fordeco Bigode, o chofer logo nos chama a atenção. A porta abre-se e desce um sujeito muito gordo, moreno de cabelos escorridos e negros; os olhos pequenos e escuros muitos vivos. Como um pé de vento agarra nossa bagagem para acomodá-la sôbre o carro, levantando com facilidade os volumes pesados. Terminada a tarefa abre as portas do calhambeque e diz que os turistas brasileiros podem entrar porque José os levará "a donde quieran ir". Em seguida nos enfia literalmente no taxi, como fizera com as bagagens. Toma lugar à direção, espalhando-se todo pelo banco da frente, tão gordo é. Dá saída fazendo balão para se pôr na direção da estrada dos Coqueiros.

O Bom Bril está na outra calçada acenando-nos para ir junto. O carro pára e José salta lépido, põe a bagagem tôda do Bom Bril sôbre as nossas no teto do carro, formando uma pirâmide enorme. Agarra o Bom Bril e praticamente coloca-o no banco da frente, onde estou. Partimos comprimidos como conserva em lata e devagar, pois o taxi parece navio adernando para um lado. Durante o trajeto o nosso amigo trava conosco uma conversa cordial e nos conta inúmeras piadas de turistas.

Nosso colega “Cara de Pau”, por sua vez, conta algumas do Brasil que fazem o José rir às gargalhadas.

Quando paramos frente ao hotel, um casarão de estilo rústico precedido por um pátio ajardinado, temos um amigo em Colônia. O José descarrega em segundos a vasta pilha de bagagens. Tarefa terminada está a nossa frente esperando o pagamento. Como são “los amigos turistas brasileiros”, vai nos deixar por um pouco... mais caro. Pois a ordem é limpar os turistas e para o José amigos são amigos, turistas à parte. Após ter deixado, seu telefone, o José vai-se embora.

O hotel é confortável. A dona nos leva a um apartamento amplo, que tem um aquecedor elétrico providencial.

São sete horas e o frio é de rachar. Avisam-nos que no lugar o costume é jantar tarde, só pelas oito. É uma má notícia, porque estamos famintos.

Após o jantar, ou ceia, conversamos na sala de estar. O Bom Bril senta sobre a escrivaninha displicentemente e relata-nos suas peripécias com o “conde” Chiericheti. Um rapaz brasileiro de passagem, como nós, para a Argentina, ouve divertido as palavras do Bom Bril quando êste conta os seus esforços para colocar o Guido no bom caminho das graves virtudes masculinas.

QUINTA-FEIRA, 21 DE JULHO

Após o café telefonamos ao ponto de taxi do José. Como êle não está no momento, outro é destacado em seu lugar. Porém, dez minutos após aparece o José em pessoa. É recebido efusivamente mas êle nos pede silêncio e diz que sejamos rápidos, pois tinha vindo na frente do colega assim que soubera de nosso chamado. Precisamos partir antes do outro chegar.

Quando de novo o taxi está na inclinação da véspera, partimos. Já na estrada cruzamos com um taxi vazio que logo entra no pátio do hotel. José lamenta seu ato traidor convincentemente, mas é da bôca para fora, porque no íntimo êle está satisfeito de conversar conosco. Prático, diz que pagaremos

mais caro “por compensaciones morales”. Até o centro da cidade o seu bom humor inaugura mais êste dia de viagem, fazendo-nos rir.

O taxi nos deixa no ponto de reunião, na praça central. Os colegas vão e vem com suas bagagens enquanto o José nos ajuda a colocar as nossas dentro do “Pajé”. Despedimo-nos dêste bravo Uruguaio, de quem certamente nos lembraremos sempre com um sorriso.

Por nove e meia os ônibus saem para nos deixar no pôrto onde encostam os vapores da “Flota Argentina”. Todos conjecturamos sôbre a alfândega com mêdo de perder as lembranças do Uruguay. Isto é solucionado porque deixaremos parte da bagagem fechada no “Pajé” enquanto estivermos fora.

Dez horas. O sol se atreve a aparecer afugentando as brumas matinais. A orla do pôrto, com seu muro, contém as águas barrentas do Prata. As construções da alfândega e cais de embarque estão meio cruas, inacabadas. Cada um com sua bagagem formamos um grupo defronte à borboleta da entrada. Esperamos alguns minutos e passamos a um compartimento alto com lâmpadas nuas, pendentes de fios que saem do teto em lajes. Tábuas sujas sôbre cavaletes separam turistas e fiscais.

No comêço examinaram rigorosamente nossas bagagens. Agora só perguntam se somos da “delegación Brasileña”, com uma olhadela por cima da bagagem aberta. Meia hora depois estamos todos no barzinho do andar superior, aonde se chega por uma rampa de concreto.

Um quarto para onze horas formamos fila à entrada da plataforma do embarque. Daqui vemos os turistas em baixo aborrecendo-se com a fiscalização. Um turista familiar atrai nossa atenção: é o Nakamoto! Êle nos grita que está sem pêsos Uruguaio e sem passagem do navio. O Rocinante desce para auxiliá-lo.

Duas garotas muito bonitas estão perto de nós com, seus pais. Abrimos conversa com elas falando sôbre o Brasil, mas os papais também ficam interessados no assunto e formamos uma

rodinha ameaçando liquidar com a fila. O Nakamoto já resolveu o problema dêle e vem participar da conversa, passando na frente de muita gente da fila.

Onze horas. Os portões se abrem e a fila avança por um corredor estreito até a prancha de embarque. Dentro do navio descemos ao restaurante para sentarmos às mesinhas, garantindo lugar. Soa o apito da embarcação ensurdecendo-nos e uma leve vibração indica que o navio está saindo.

Imperceptivelmente quase, o cais vai se afastando, até que todo o pôrto fica reduzido a um ponto na costa rochosa de Colônia. Quando o casario da cidade se esfuma na distância, estamos rodeados de água côr de barro, até onde a vista alcança.

O jôgo do navio faz os passageiros andarem pela coberta a fim de não enjoar, distraindo-se com a azáfama da tripulação. Enquanto isso o Mialhe grava a travessia com sua câmara. O almôço do restaurante é pior do que imaginámos e mais caro do que calculámos.

Pelas duas da tarde já avistamos a costa Argentina, a brisa fria enregelando quem está sôbre o convés. Dois pontos brumosos indicam Buenos Aires. Conforme nos aproximamos passamos por outras embarcações, seguindo as boias, balisas da entrada do pôrto. Logo podemos ver o conjunto de prédios que forma Buenos Aires e o pôrto. Sôbre a cidade paira uma neblina escura, o "smog", atestando cidade industrial.

O pôrto é bem complicado. Há mais de um canal, todos repletos de navios. De um rebocador, uma chatinha de brinquedo comparada ao nosso barco, jogam um cabo que é amarrado à prôa do nosso navio. Os motores param e a chata vai nos rebocando.

Depois de muita manobra, para encostar ao cais, podemos colocar pé em terra firme. Nossas bagagens formam uma pilha à beira do cais, com aspecto mal tratado. Cada um colhe a sua bagagem e nos dirigimos à alfândega. Os fiscais são mais ferozes aqui. Fazem o Fernando abrir um embrulho caprichoso, lacrado para presente, lembrança do Uruguai. O Dr. Jardim conversa um pouco com o fiscal mór, fazendo-o sentir o aroma do café que trazemos, e depois tudo anda mais rápido.

Fora do grande armazém de telhado de zinco encontramos uma avenida movimentada. Somos um grupo espalhado em frente da alfândega à espera de condução com as malas pontilhando o leito da rua. Aqui os carros são de marcas comuns no Brasil, diferentes dos carrinhos tão numerosos em Montevideu. Um grande carro negro pára. É do consulado brasileiro e um sujeito alto e forte desce, nos cumprimentando. Comunica ter o consulado reservado hotel e assegurado vagas para todos. Ainda promete um ônibus que nos virá buscar se esperarmos alguns minutos. Outro carro, de côr azul, vem parar atrás do primeiro e também é da embaixada. O sujeito alto abre as portas dos carros, convidando a parte feminina e os casados para os levar até o centro. Eles partem nos deixando à espera do bendito ônibus.

Às três e meia da tarde ainda esperamos. Um caminhão fretado por nós aparece para levar os “stands” do café e a carga pesada.

O vento frio que bate do Prata anula o calor do sol claro, cortando a pele. São quatro horas e esperamos. Um chofer de táxi insiste mais uma vez com o preço absurdo de 200 pêsos para fazer uma corrida até o centro. Nossa sorte é que os Argentinos que desembarcaram conosco nos avisam que esta é a cidade dos “vivos”. O ônibus não vem mesmo e alguns se reúnem tomando taxi por um pouco menos de exorbitância.

Por aqui passam bondes para o centro. Peço informações. Quando aparece um que serve, o Hideu vem comigo. Arrumamos as malas perto do motorneiro. Este nos mostra agora locais importantes com tôda a naturalidade. Suspeito que muitos turistas já escaparam assim destes taxis de rapina.

Desta maneira humilde chegamos à gloriosa Buenos Aires, onde descemos do nosso taxi coletivo na altura do Luna Parque. Agradecemos ao motorneiro prestimoso e tocamos à pé até o hotel Royal.

Aqui a novidade é que não há lugar, nem mesmo os assegurados do consulado. Felizmente consigo um lugar no apartamento do Zink, Vital e Celsão. O Hideu é obrigado a procurar outro hotel.

O prédio é antigo e a entrada acanhada. Uma turma de brasileiros constituindo o coral Brasília, de Belo Horizonte, está hospedada aqui. Fazem uma "tournée" oficial, e são numerosos, promovendo uma confusão na entrada do hotel. Muitas moças fazem parte do tal coral e o Avari, produto híbrido emigrado de Viçosa, está à vontade falando com elas.

O nosso apartamento no 5.º andar tem aquecedores de vapor em pontos estratégicos e a sacada dá para a rua Lavalle. O panorama é um corredor aéreo entre prédios, que chega ao longe, à direita e à esquerda da sacada.

Deixo os meus colegas desarrumando malas e desço para flunar um pouco pelo centro. As ruas são estreitas nesta zona e concentram um comércio importante. Estas ruazinhas vão dar em avenidas amplas de movimento intenso de pessoas e veículos. A av. Corrientes parece a mais movimentada. Pelas sete e meia tenho já um guia da cidade para localizar um restaurante barato recomendado por um brasileiro muito gentil do coral. Fica na avenida Cordoba, na galeria Buenos Ayres, aonde chego sem dificuldade, guiado pelo mapa do centro.

Sirvo-me num balcão dividido em setores: sobremesa, pratos quentes, pratos frios, etc... Após dirijo-me às mesinhas sem toalha com a bandeja nas mãos. Um talão, recebido à entrada e limitado a 80. pêsos, controla os meus gastos. Só se paga à saída. Quem perde o talão paga todos os 80 pêsos.

A rapidez do sistema atrai gente de tôdas as classes, pelo que observo nas mesas próximas, saboreando meu jantar. A qualidade da comida é muito boa. O ambiente não é desagradável, ouve-se música do toca-disco automático.

SEXTA-FEIRA, 22 DE JULHO

O dia amanhece incerto, mas não muito frio. A bruma lá fora está espessa, porém, parece que vai dissipar-se. Pelas onze horas os quatro pomo-nos em campo para fazer compras. Nesta manhã vamos percorrer as principais ruas do comércio,

para tomar contacto com os preços das lembranças que queremos levar.

Por uma hora almoçamos na galeria Buenos Aires. A tarde esvai-se também nas casas comerciais.

A noite passeamos pelo centro procurando conhecer a atmosfera íntima da cidade, porém não resistimos a contemplar mais vitrinas. O porteiro Argentino do hotel, que vende postais, diz-nos que o turista vem especialmente ver ruas e vitrinas para depois voltar e contar o que viu nas ditas cujas. Ao jantar dá-se um incidente comigo: Deixei o talão de gastos sobre o balcão das Galerias, e quando dei pelo fato reclamei do empregado, pois estava certo que só êle teria pêgo o talão. A coisa porém, descambou para o engraçado porque eu, nervoso, falava em português e os "gringos" tentavam acomodar tudo em castelhano. Assim não pudemos nos entender. Para liquidar a questão e não prejudicar as boas relações Brasileiros-Argentinas acabei pagando o talão todo. Desta maneira a amizade interamericana ficou intata.

Outro fato deu-se com o Nema, que está sem sorte mesmo. No Uruguai, êle levou valente mordida de um viralatas. E, em consequência, as vinte e uma injeções antirábicas levam o desafortunado colega diàriamente ao espetão da agulha.

No jantar de hoje completou-se o ciclo da má sorte quando o Nema virou a bandeja com todo o jantar no regaço. Agora somo alvos prediletos das chacotas dos colegas aqui no hotel.

SÁBADO, 23 DE JULHO

O frio não está intenso como no Uruguai, faz mesmo um calorzinho brando nêste sol de inverno. Perambulamos pela cidade ainda atrás de oportunidades, encontrando colegas, a cada passo, perseguindo o mesmo objetivo.

Temos programa para as duas da tarde: a Prefeitura pôs a nossa disposição um ônibus e motorista para conhecermos os recantos turísticos de Buenos Aires. Atraso-me para o almôço,

e chego às duas passada em frente ao hotel Royal, o ponto de encontro. Não vejo ninguém. O Dr. Jardim e dona Zelinda surjem dobrando a esquina em direção ao hotel. Explicam-me, após eu contar o atraso, que o ônibus voltará às quatro para levar uma segunda turma. Murgel e Aparecida chegam de dentro do hotel com o mesmo problema: perderam o passeio. Combinamos então encontrarmo-nos às quatro e nos despedimos.

Pelas quatro horas chega o ônibus com a turma. Sou surpreendido pela impontualidade e contam-me o passeio, que acharam ótimo. O pessoal se retira, enchendo a via estreita de gente e vozes. Logo a rua está normal.

Quatro horas passada os dois casais e eu esperamos em frente ao hotel. A segunda turma, porém, não dá sinal de si. Não vem ninguém. O motorista, um argentino de meia idade de olhos muito azuis, propõe que partamos já para aproveitarmos o pouco tempo que resta até o anoitecer. Entramos os cinco e o ônibus, uma jardineira aposentada, parte roncando alto e trepidando.

Vamos pela avenida Leandro Além, depois pela San Martin e o nosso cicerone vai informando sôbre monumentos ou edificios interessantes. Passamos em seguida pelo Parque Retiro, local de diversões semelhante ao Rodó de Montevideú.

O sol baixo do ocaso fere a vista, porém não faz calor nem muito frio. Chegamos ao parque Palermo e nos surpreendemos com os lagos artificiais, os arvoredos e gramados imensos. O ônibus roda sôbre o asfalto que contorna sinuosamente as ilhas verdes dos gramados do parque. Passamos pelo estádio do River Plate, que aqui chamam de "cancha". Após completar uma curva chegamos a uma avenida larga começando aqui e no seu lado esquerdo estão os portões do zoológico. Por maioria de votos decidimos visitá-lo enquanto o motorista espera, montando guarda à sua charanga. São cinco horas e temos pelo menos meia hora para uma visita.

O ingresso custa um pêso, ninharia se comparado ao zoológico de São Paulo. Logo após o portão, no caminho asfaltado que leva às jaulas, há um mapa completo indicando a localiza-

ção dos animais expostos. As construções são antigas, porém a coleção de animais é muito boa. O urso branco dos polos e o "grizzly" cinzento são atrações do público. Pegado há um "habitat" simulado que abriga a águia americana e o côndor. Adiante os flamingos exóticos têm seu cercado vizinho aos gamos graves de olhar melancólico. O hipopótamo expõe sua goela com dois dentes alvos perdidos naquela vermelhidão. Perto o bisonte ou búfalo americano, está deitado. Murgel fixa-o no filme da câmara quando o animal decide levantar-se e fazer uma pôse. Após vemos o Yak, búfalo do Tibet, deixando o dr. Jardim entusiasmado. Por último vem a girafa. Ela está sendo recolhida ao abrigo alto e estreito, parecido com a torre de um Muezin Muçulmano, próprio para conter seu pescôço. O colo esguio aí se encaixa com precisão.

São quase seis horas, os alto-falantes ordenam a retirada. Saímos satisfeitos. O motorista do ônibus liga o motor e nos propõe umas derradeiras voltas pelo parque. O sol está quase no horizonte, enquanto o ônibus roda pela "rambla" ou avenida costeira, que margeia o rio da Prata.

Um aeroporto civil do lado esquerdo da avenida nos dá idéia da enormidade do local. O motorista nos explica ter êste parque uns seis quilômetros de diâmetro. É um verdadeiro pulmão verde localizado dentro da cidade.

Passam das seis. O vermelhão do poente se reflete nas águas barrentas do Prata, à direita. Fazemos meia volta e retornamos ao centro. Na rua Cerrito passamos por uma construção austera, de blocos cinzentos. O motorista diz ser o palacete que hospedou o Papa Pio XII em sua visita à Argentina. Logo que entramos na avenida 9 de Julho as luzes acesas anunciam a noite.

Quando o ônibus entra à esquerda, um outro coletivo nos ultrapassa na curva. As duas carrocerias se aproximam perigosamente até que um ruído de ferragens raspando anuncia o esperado. O outro ônibus pára e um motorista japonês desce e se põe a descompor o nosso bravo chofer. Porém o prejuízo é pouco e ambos resolvem esquecer, depois de desabafarem suas razões.

Por sete horas o ônibus nos deixa perto do hotel. O motorista é um bom sujeito, despede-se desejando-nos felicidade na excursão e não aceita propina.

DOMINGO, 24 DE JULHO

Acordo tarde. Vital e Celso discutem a visita que farão à uma família Argentina, das relações do Zink. Escrevi cartas e vou levá-las ao correio, na avenida Leandro Alem.

Aqui encontro o Guaxupé desanimado da vida. Saudades da pátria. Voltamos a pé até a Corrientes, batendo um papo em português. Nossa língua soa estranha nesta terra onde ouvimos castelhano o tempo todo.

Após o almoço, a tarde está terrível. Nada há para fazer. Mato o tempo passeando pela Florida ou Lavalle, encontrando aqui e ali os colegas que também não têm programa. O tempo está melancólico como eu, o céu nublado e faz uma temperatura dúbia, nem frio, nem quente. Resolvo-me por um cinema.

Na sessão das sete do cine Ópera encontro o Zink, Vital e Celso saindo da sessão anterior. Após a sessão, misturo-me com a multidão que enche as ruas, apesar de ser tarde. Dirijo-me ao hotel.

Meia noite passada, chegam os três. Celso está alegre, até demais, contrastando com a carranca do Zink. Vital satisfaz minha curiosidade contando-me as peripécias porque passaram no Automovel Club quando Celso levou à cena "Eu sou o espetáculo" por iniciativa própria. Zink propõe-me um passeio de iate na manhã seguinte com seus conhecidos. Aceito sem hesitar, cansado de não ter programa nesta cidade tão grande e cheia de gente, mas onde estamos num verdadeiro deserto por falta de relações.

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE JULHO

Acordamos tarde, até perdemos a hora do café. Aprontamo-nos para ir a Chacarita, bairro de Buenos Aires onde

moram os conhecidos de Zink. Saímos. Celso está de bom humor e ouve com paciência nossas indiretas sôbre o “show” da noite passada.

Tomamos o subterrâneo na Corrientes. Dois lances de esxada levam-nos ao sub-solo, onde uma estação cavada no seio da terra é o ponto de embarque para os trens. Êstes são comuns, iguais aos de superfície, mas muito rápidos. Descemos na estação de Chacarita, onde vários floristas promovem uma colorida profusão com seus produtos, na superfície. Os três se reúnem e compram flores para presentear a dona da casa.

Um táxi nos deixa em frente a uma casa térrea, sem jardim. Somos recebidos pela senhora Gravenhorst que nos introduz na sala de visitas arranjada com uma ordem germânica.

Ilse, filha da Sra. Gravenhorst, vem nos fazer sala.

Por meio dia o Sr. Gravenhorst chega do trabalho. É alto, de meia idade e feições típicas de alemão. Logo notamos seu gênio bonachão, que anima a conversa. Pouco depois chega uma amiga de Ilse, Ana Maria e seu noivo John, também convidados para o passeio.

O Sr. Gravenhorst possui um carro pequeno, marca alemã, já se vê. Zink, Celso e eu somos convidados a ir no automóvel com o casal, enquanto o pessoal restante vai de subterrâneo, nos encontrar no ancoradouro do “Yacht Club”.

No caminho asfaltado passamos pela residência de Frondizi e depois pelas casas de bonecas, um capricho de Eva Peron. Isto faz a conversa descambar para o tema político, comparando os regimes de nossas Pátrias. A animação é tanta que discutimos ainda, embóra estejamos parados defronte ao canal-cais, onde inúmeras embarcações ancoram.

Logo chegam Vital e os três acompanhantes.

Dirigimo-nos ao iate, um barco de 14 metros de comprimento, casco pintado de branco acima da linha d'água e amurada do convés envernizada. A pôpa possui uma cobertura de lona verde, sob a qual há cadeiras e um banco fixo. Embarcamos. A Sra. Gravenhorst nos serve refrigerantes enquanto nos acomodamos no banco e nas cadeiras. Os motores do barco

começam a funcionar e saímos mansamente do canal, até o espaço maior do Prata.

O Sr. Gravenhorst nos chama à cabina central. Mostramos o itinerário de nosso passeio no mapa, apontando o rio Tigre e seu delta. Num dos afluentes dêsse rio fundearemos para um chá à bordo, após o que voltaremos. Pela janela de vidro observamos o canal estreito em que estamos, no delta do Tigre. Ilse e Ana Maria aparecem no campo de visão indo pela prôa. Elas fazem sinal para também nos reunirmos a fim de apreciar a beleza do lugar.

Retiramos os sapatos e vamos até a ponta do barco, com cuidado para não perder o equilíbrio ou arranhar a pintura. O timoneiro nos acena da cabina para deitarmos, não atrapalhando sua visão.

Assim, conversamos trocando impressões sôbre nossos países enquanto observamos as margens.

Há gramados plantados, bem verdes que antecedem casas de madeira. Algumas têm lagos repletos de marreco, outras têm flôres de muitas côres no jardim. O delta compreende ilhas também, como a que se aproxima, explorada com um pomar cujas frutas abastecem Buenos Aires.

Outra coisa interessante são os estaleiros onde ferros velhos despem sua roupagem de navio para se tornarem sucatas.

Pelas quatro horas penetramos por um braço de rio, estreito e deserto, onde só ouvimos o ruído dos motores do iate, extranhamente isolados. Os motores param e ancoramos numa curva. O silêncio se acentua, total. O local possui um semiteto dos galhos das árvores marginais que se lançam em direção da água barrenta.

O chá é servido, reconfortante no frio que cresce a cada momento. Após o chá puxamos um barco a remos que veio rebocado pelo iate. Pulamos dentro dêle e nos afastamos remando, para o Celso sacar umas fotografias do pessoal posando na murada.

Pelas cinco e meia os motores quebram o silêncio novamente e retornamos.

O crepúsculo plácido desta região nos empolga. Estamos num canal largo, de cuja margem parte uma extensa vegetação d'água até elevações distantes.

O Zink banca o cantor, à pedidos. Agora é a vez de Ilse, acompanhando-se ao violão. Ela tem ótima voz e quando acaba nós a aplaudimos com entusiasmo.

Desta forma chegamos ao Yacht Club pelas seis horas. A volta para a cidade transcorre animada.

Estamos comunicativos, a língua não é obstáculo para nos entendermos. Na residência dos Gravenhorst, eles nos oferecem uma ceia. Após o serão agradável, despedimo-nos de todos.

Com sua simpatia, os Gravenhorst ganham três amigos brasileiros, incondicionais.

TÊRÇA-FEIRA, 26 DE JULHO

A manhã está hostil neste último dia em Buenos Aires. Uma chuva miúda desce lentamente do céu toldado, às vezes tocada pelo vento frio.

Saímos os quatro para fazer compras de última hora. Um taxi nos deixa na rua Pastore, onde iniciamos nossas especulações. Antes de meio dia o Vital já é dono de um enorme pacote que ele carrega como se fôsse uma criança. Como eu e Zink voltamos ao hotel diretamente, Vital me pede para deixar lá o embrulho monstruoso.

Descemos à estação do subterrâneo e esperamos. Chega um trem que não nos serve e observamos o povo sair como uma enxurrada avassaladora, enquanto outra vaga de gente se contrapõe, querendo entrar.

O nosso encosta e as portas automáticas abrem-se simultaneamente. Somos praticamente arrastados pela leva humana que quer entrar no vagão mas o embrulho faz com que eu vá ficando para trás.

Quando consigo entrar as portas fecham, não de todo porque há uma parte do maldito embrulho lá fóra. Afinal, ajudam-me a puxar o corpo estranho para dentro e tudo se normaliza.

Na estação sob a avenida Corrientes somos ejetados, saímos quase na corrida empurrados pelo povo. É, não convém mesmo ficar perto da saída de um trem subterrâneo.

Aqui na superfície decidimos almoçar nas galerias, como já de costume, após passar pelo hotel.

De tarde consulto meus mapas da cidade sob as vistas críticas do Vital, do Zink e do Celso.

Perguntam-me o que faria sem mapa e inventam as situações mais absurdas para bulir comigo. Já localizo a embaixada brasileira e saio para lá pegar correspondência. É um edifício enorme, localizado numa rua elegante, onde funcionam várias outras embaixadas. Sigo depois para a loja Tap, na Rua Rio Branco. É aqui onde, após várias dificuldades, conseguimos organizar a semana do café.

Os "stands" funcionam no interior da loja, atuando diretamente com as donas de casa portenhas.

Pela noite recebemos instruções para a partida de amanhã.

É a volta que se inicia, prenunciadora do fim de nossa excursão. Alguns encaram a situação alegremente, estando cansados de terra estranha.

Outros se entristecem por estar a têrmo mais uma etapa gloriosa da nossa excursão.

QUARTA-FEIRA, 27 DE JULHO

Seis da manhã. Faz muito frio. A escuridão é completa e uma bruma espessa paira sôbre tudo. O caminhão que levará nossa bagagem ao pôrto está estacionado na ruazinha do hotel. Os colegas vão e vem do interior do Royal trazendo a bagagem pesada para colocá-la no caminhão.

Após uma luta para conseguir táxi estamos na Alfândega. Esperados longo tempo para podermos passar ao cais, porém o exame dos fiscais, cheios de sono, é superficial.

Às oito horas de um dia cinzento entramos em fila para embarcar.

O Vitor Vasques está à minha frente rodeado por três garotas portenhas que admiram o seu inestimável sobretudo negro e o não menos famoso chapéu côr de azeviche.

Embarcamos. O apito estridente anuncia a partida. No cais os acenos esmorecem com a distância até que as garotas do Vitor, o grupo das pessoas, o pôrto e finalmente Buenos Aires se volatiliza no horizonte, não existem mais.

Desço ao restaurante do navio e tomo um chá, cheio de reflexões. Depois retorno ao convés.

Onze horas. Colônia lá está na fimbria do horizonte, esperando-nos como o primeiro marco da volta. O cais vem ao nosso encontro, indistinto, aumentando de tamanho.

Duas evidências azul e branco são as primeiras coisas que distinguimos: estacionados no cais estão nossos fiéis cavalos mecânicos.

Já perto, do cais, vemos os motoristas reunidos junto aos dois ônibus. Eles nos reconhecem e agitam os braços alegremente. Que satisfação tornar a vê-los!

O desembarque e a passagem pela alfândega uruguaia dá-se sem novidades.

Aqui fora formamos um bloco de gente com os três motoristas no centro. Eles nos contam como passaram aqui e nós lhes relatamos os últimos acontecimentos. O Dr. Jardim aparece para nos tanger aos nossos lugares pois ele tem urgência de chegar ao Brasil.

No Pajé tudo está como deixámos — os pacotes, malas e outros objetos ocupam os assentos. Num abrir e fechar d'olhos as bagagens estão empilhadas no fim do corredor e os pacotes nas rédes laterais. Tudo está em ordem: O Pajé já tem aquele aspecto habitual de caos, que precede às partidas.

Os dois ônibus manobram e abandonam o cais. Passamos novamente pela rua central da cidade a fim de alcançarmos a estrada dos coqueiros.

O dia aqui está nublado e ventoso. Como na ida, a passagem do Pajé faz a folhagem dos coqueiros farfalhar, dando aquêlê ruído agradável que cadencia a marcha do ônibus.

Duas horas. Um restaurante aparece à beira da estrada. O ônibus diminui a marcha e vamos parar no pátio cimentado fora da pista.

Após um almôço passável continuamos viagem. Pelas quatro da tarde chegamos à cidade de Montevidéu. Infelizmente não nos é possível passar pelo centro, pois o tempo deve ser poupado ao máximo para maior rendimento do nosso avanço. Assim, passamos pelos arredores, até atingirmos as praias de Montevidéu. Com um último olhar nos despedimos da cidade de mais personalidade da excursão.

O Super F-60 separou-se de nós para ir ao centro. O pessoal que vai nêlê é folgado, não se importa de chegar atrasado em S. Paulo. Ainda pretendem visitar Blumenau, no Brasil; chegarão um dia depois de nós em Piracicaba.

A cidade de Minas marca o fim do asfalto. Daqui para frente é só terra batida.

Rodamos e rodamos. A tarde nublada se esvai enquanto o Pajé demanda o Norte, cortando os pampas abertos.

A noite vem como um manto do leste, sufocando os derradeiros raios de luz. Ainda assim rodamos sem parar.

Pelas dez horas da noite chegamos a Treinta y Tres para jantar e pousar. Após o desjejum mambembe estamos aptos a um sono reparador.

Os hotéis da cidade, porém, nos informam, a cada tentativa nossa, que não há vagas para todos.

Decidimos, assim premidos, a continuar até Melo em marcha forçada.

Ninguém tem ânimo mais para falar e a modôrra reina no Pajé. O Fernando parece de aço: está no volante por mais de dez horas.

Por uma hora da manhã descemos sonolentos na cidade de Melo, onde largamos os ossos nos leitos do Nuevo Hotel.

QUINTA-FEIRA, 28 DE JULHO

Às nove horas, após o café, reencetamos nossa viagem, cortando de novo os pampas Uruguaios. Revemos as casinhas de teto baixo, tão peculiares. Em Aceguá de novo temos de enfrentar as alfândegas brasileira e uruguaia. Tudo se passa sem dificuldades, porém, quer do inspetor bigodudo do lado do Uruguai, que nos atendera na ida, quer do funcionário brasileiro.

O pessoal aproveita a oportunidade para cambiar pêsos em cruzeiros, que necessitamos. Demoro-me para trocar meu dinheiro na casa bancária porque sou o último na fila. Os outros colegas vão para o Pajé e impacientes, partem deixando o Super F-60 à minha espera.

A buzina soa por várias vezes fazendo-me imaginar que os colegas devem estar fervendo na própria impaciência. Afinal sai o dinheiro e corro para o ônibus lá na estrada. O chão está cheio de poças d'água. Consigo pular várias mas acabo enfiando o pé nalgumas. Ao entrar no ônibus recebo uma grande vaia e ajudam-me "gentilmente" a encontrar meu lugar. O pessoal aqui está em bagunça permanente desde a partida de Montevideú. O líder é o Avari, cuja "vozinha" é capaz de acordar um defunto. Outros agitadores da paz comum são justamente os colegas mais pacatos do quarto ano. O Tosiaki está irreconhecível, o Sachetin esqueceu sua condição de "crânio" e participa da bagunça geral.

O Hideu e o Meirelles não se deixam atrasar no afã de "alegrar" o ambiente. Em poucos minutos estou surdo com a algazarra dêste bando de tresloucados.

Logo adiante encontramos o Pajé estacionado à porta de um boteco beira-estrada. Descemos para ver o que o pessoal faz lá dentro e nos deparamos com uma armazém bem sortido de mercadorias Uruguaias.

A turma compra as derradeiras lembranças do país vizinho.

Quando vamos embora, cada um carregando mais um volume debaixo do braço, o que me faz pensar como vamos acomodá-los no espaço já escasso dos ônibus, passo-me para o Pajé.

Logo alcançamos os pampas gaúchos com a sensação agradável de estar em casa, no Brasil.

O céu despiu-se das nuvens matinais e o tempo está lindo, animando-nos à conversa.

Alcançamos Bagé a tempo do almoço. Agora gozamos o prazer de entrar em lugares públicos e ouvir falar o português. O restaurante da praça S. Martins nos serve pratos nacionais que nos sabem deliciosos.

O pessoal flana pela praça. O Carôço aparece com um poncho recém comprado e põe-se sentado num banco de madeira, apreciando o movimento e falando suas bobagens engraçadas para as garotas que por ventura passem por êle.

Pelas três horas chega o momento de partir. A estrada de novo nos coloca no cenário dos pampas sem fim.

Pelas quatro paramos para um lanche numa cidade pequena, Lavras do Sul, onde o edifício maior é um pôsto de gasolina.

Num armazém de parêdes caiadas, de uma das ruas de terra, só encontramos mixirica miúda e passada. Acabamos com o estoque assim mesmo. Do Pajé vem o som da busina nos chamando a postos. Continuamos viagem pelos pampas o resto da tarde e parte da noite.

Agora estamos sôbre asfalto, que o Pajé agradece com seu rodar macio. Os cálculos sôbre que distância nos separa de Pôrto Alegre, nosso pouso para hoje, estão errados, porque estamos longe ainda da capital gaucha. Um lugar iluminado aparece no lado direito da estrada. É uma churrascaria, muito comum aqui no Sul.

Nem é preciso dizer ao Fernando que pare, pois a fome ordena primeiro.

Descemos todos. O Super F-60 aparece do negrume da noite e vem parar atrás do Pajé. O melhor prato da casa é linguíça ao espeto no meio do pão que vamos buscar diretamente na cozinha, porque não há gente suficiente para servir. Notável é como muitos colegas, entre os quais eu, estamos sem dinheiro nacional. O que mais se ouve agora são pedidos de empréstimos, açulados pela fome.

De novo na estrada até o Pajé ronrona satisfeito após ter mamado sua ração de óleo. A conversa reaviva-se.

Pelas dez da noite chegamos a Pôrto Alegre. O Camargo após várias consultas infrutíferas ao pessoal, me convence a uma incursão à buate dos espêlhos para comemorar nossa alegria de estar de volta no Brasil.

SEXTA-FEIRA, 29 DE JULHO

Pôrto Alegre fica para trás, gravada em nossos corações. Na manhã radiosa o Pajé enfia pela estrada plana que nos leva à Caxias do Sul.

Na região serrana as brumas se evaporam lentamente revelando os penhascos. A animação domina a tripulação do Pajé, todo mundo conversa e a zoeira de vozes está forte no ônibus.

Chegamos por meio dia ao centro familiar de Caxias. O pessoal se espalha pela praça atrás de lembranças ou para tomar café.

Para almoçar não há ponto fixo. Mas eu sigo a maioria e vamos dar num restaurante especializado em “galletto al primo canto” e “polenta” frita.

O “conde” Chiericheti dá-me a honra de partilhar a mesa comigo. Durante a mastigação dos quitutes um ruído persistente nos intriga sumamente. Vem da direção da mesa do Davi Otoni e Vital. Pensamos que se trata de um ou mais de um cachorro que recebe ossos dos dois colegas, por baixo da mesa.

À saída passamos pela mesa dos dois e vemos diante deles, na mesa para quatro, uma travessa abarrotada de limpíssimos ossos de frangos. O ruído peculiar continua e nós espiamos embaixo da mesa, procurando o cachorro. Não há nada. O ruído recomeça e levantamos o olhar.

O que vemos é o David roendo e triturando um osso, provocando o ruído que ouvimos. Chupando os dedos engordurados êle tenta tapear-nos, declarando ter almoçado quatro e dois foram embora, deixando a fama dos restos para êle e o Vital.

Mas não pega, não, que é comida para quatro vê-se pelos ventres rotundos do amigo Davi e do amigo Vital.

Viajamos a tarde tôda sôbre o asfalto, às vêzes interrompidos por trechos de terra; outros em construção (BR 59) obrigam a um desvio. A região é de serras e várias vêzes contornamos encostas donde se descortina uma região de elevações recobertas por matações.

Ao crepúsculo paramos para um lanche previdente, porque a próxima cidade é Lajes e está longe ainda. O local à beira da estrada é um casarão de madeira, com um bar na frente e nos fundos funciona uma hospedaria. O que há é bife, que mal preparado ainda, já reclamamos para colocá-los entre duas fatias de pão macio e devorar. Continuamos viagem reanimados.

Após muita escuridão chegamos pelas dez horas em Lajes.

Depois do reboleço usual na portaria do hotel a maioria preferiu o repouso a conhecer a cidade.

SÁBADO, 30 DE JULHO

Seis horas. Estamos todos sentados à uma mesa comprida, formada pela junção das mesinhas e parecemos uma família de muitos membros com o Dr. Jardim e dona Zelinda à cabeceira.

O café é servido, reforçado de comestíveis frios, como é costume só em Sta. Catarina.

Após o pagamento das contas, o embarque das bagagens e do pessoal, partimos.

Retornamos ao asfalto, que às vezes se interrompe num trecho poeirento, para reaparecer adiante. Há muitos pinheiros adornando a paisagem, prenunciando o Paraná.

O David Boneca levanta-se e arranca trinta cruzeiros à cada um para comprar vinho da região, que êle reputa formidável. Não escapa ninguém, incluindo os dois catedráticos e o médico, dando um bom "bôlo".

Por uma hora estamos na altura de Curitiba, já na estrada de concreto. Por decisão do Dr. Jardim, tomamos o almôço num restaurante à beira da estrada, evitando a cidade porque temos de chegar o mais depressa possível aos pagos Piracicabanos.

O pessoal do Super F-60 deve estar em Blumenau agora, comprando mais ceroulas de malha de algodão enquanto admira a beleza germânica das vendedoras.

No restaurante só há linguiça ao espêto e churrasco. Êste não é dos melhores e o pessoal abusa da linguiça salgada, regada ao vinho bom comprado pelo David nas imediações.

Após o regabofe, um grupo dos adeptos de Baco carrega com mil cuidados um barrilete de vinho tinto, para consumo a bordo, uma cartola de madeira de alegre côr de abóbora.

O Pajé está escaudando por ter ficado ao sol. Partimos. Uma guarda especial é designada para proteger a cartola contra os importunos sedentos que desejam liquidar com o vinho agora mesmo.

O Krasilchik, porém, consegue salvar o líquido precioso, impondo sua estatura.

Após uma curva, o Pajé se inclina revelando a serra desagradável do limite S. Paulo-Paraná. Novamente subimos por aquelas curvas estonteantes, a zoeira do motor em alta rotação, a poeira penetrante turvando o interior do ônibus quando cruzamos com outro veículo nas gargantas estreitas, porque o tempo está bom e o leito da estrada está um pó de arroz levíssimo.

No auge do calor e da poeira aparece um boteco de madeira no lado esquerdo da estrada. O abuso da linguiça salgada nos faz agora clamar por água e o Fernando pára o ônibus.

Descemos e nos reunimos na vendinha para liquidar o estoque de águas engarrafadas, que está quente, mas, ao menos, sentimos molhar a garganta.

Com o alívio, voltamos a falar.

Partimos. Os amigos do copo reclamam o vinho do barilete. O David não tem outra saída e abre a cartola. Alguns copos surgem como por encanto contendo vinho tinto.

De várias bocas partem exclamações de desagrado e irritação. O vinho tão cobiçado azedou com o calor desta serra infernal.

Após atingirmos o planalto vamos num ritmo contínuo até vencer o vale do Ribeira e entrando no Estado de São Paulo chegamos em Apiaí para o jantar, noite fechada.

Pelas oito da noite resolvemos continuar, até onde o Fernando aguentar.

Pelas dez da noite atingimos Capão Bonito.

O Fernando estaciona e nos declara que não prosseguirá mais, pois está cansado após dez horas atrás do volante.

O Vavá e os outros nativos ficam muito desapontados porque desejam chegar até Itapetininga, apressando a chegada à Piracicaba.

O melhor hotel da cidade é o pior que conhecemos em toda excursão, tão ruim que hesito em chamá-lo por êsse nome.

Por meia noite aparece de surpresa o Super F-60. O pessoal está disposto a chegar conosco a Piracicaba e correram para nos alcançar, após o passeio por Blumenau.

DOMINGO, 31 DE JULHO

Partimos após o café servido no albergue pretencioso. O tempo continua bonito, o sol ilumina alegremente as cêrcas caídas que orlam a estrada perto de Capão Bonito.

Onde o asfalto nos abandona, a terra batida nos leva para Itapetininga. Agora passamos por Tatui.

A cada momento que passa os colegas nativos se tornam mais inquietos.

O Vavá é o líder deles, desde Capão Bonito. Está de mau humor porque êle acha que poderíamos ter avançado mais.

Por onze horas estamos mais próximos, na região ondulada que cerca Piracicaba.

Vasques está ao lado do Fernando conversando. Cansado de estar sentado vou também para frente, mas atrapalho a visão dos colegas e sou obrigado a voltar atrás, sob os apupos gerais.

Pelas onze e meia a aflição dos nativos atinge o auge: os nativos estão em polvorosa.

O Vavá reclama, o Krasilchik discute com o Frias, Celsão olha carrancudo. A Lygia mistura sua vozinha zangada nesta confusão. São as saudades da terrinha que estão em fase aguda.

Por volta de meio dia entramos no perímetro urbano de Piracicaba.

Foguetes estouram, parece que tôda cidade está alertada de nossa chegada.

Afinal o Super F-60 e o Pajé estacionam lado a lado em frente da Catedral, como na partida há um mês atrás.

Uma verdadeira multidão nos aguarda lá fora, pontuada de rostos familiares. O Diretor da Escola, Dr. Benedito, lá está, assim como vários professores, assistentes, alunos e funcionários.

Despedimo-nos antes de sair porque depois será difícil. É um "até logo" pungente, pois até aqui fomos como uma família, suportando os mesmos azares e agora parece que um vínculo, já sólido, se rompe para nos separar ao destino individual.

Logo a alegria de estar de volta nos empolga. Os cumprimentos são efusivos, partem até mesmo de desconhecidos. Nossas bagagens estão amontoadas na rua e vão diminuindo de número à medida que os colegas tomam seu rumo. Enfiã

os dois ônibus se foram, a multidão dispersou-se levando o pessoal da excursão e a praça está vazia. Tomo rumo de casa.

EPÍLOGO

Após a semana concedida para revermos os parentes, voltamos às lides do estudo que agora tinham outro sabor. A convivência da excursão nos tornaram mais colegas, nos tornaram mais amigos. Os meses passaram rápidos alternando aulas com arguições de matéria lecionada até que nos entregaram às duas semanas nas quais decidíamos nossos destinos.

O exames temidos foram superados. Após a passagem do ano, chegou o dia glorioso da formatura, em que colhíamos os louros de nossa vitória como estudantes.

A emoção do grau também ficou para trás como agradável recordação e atualmente cada um de nós labuta, realizando-se, nos vários campos da Agronomia.

Não haverá, porém, maior prazer que o de encontrar alguns um companheiro da viagem e juntos relembarmos, com um sorriso de felicidade misturado à saudade, os sucessos que marcaram nossas vidas de emoções inesquecíveis.

